

**UNAMOS-NOS**



**CONTRA  
A AGRESSÃO**

# EM GUARDA

ANO 2 Para a defesa das Américas N. 5

O COMANDANTE DE UM SUBMARINO, AO PERISCÓPIO. (VIDE TEXTO À PÁGINA 20)





# O ANO DA AVANÇADA

"VAMOS ATACAR E O FAREMOS ESMAGADORAMENTE."

A SEGURANÇA de tôdas as Américas foi fortalecida e o curso da ofensiva de 1943 foi determinado em duas momentosas conferências dos líderes aliados. A bordo de um destroyer no porto de Natal, o Presidente Vargas e o Presidente Roosevelt foram acordes em que "deve ficar assegurado permanente e definitivamente que as costas ocidentais da África e Dakar nunca mais, sob quaisquer circunstâncias, possam tornar-se um bloqueio ou uma ameaça de invasão contra as duas Américas." Numa vila em Casablanca, em solo recentemente libertado do jugo de Eixo, o Presidente Roosevelt e o Primeiro Ministro Churchill, dias antes, haviam delineado "os planos de guerra e demais atividades a serem levadas a efeito durante 1943 contra a Alemanha, a Itália e o Japão, com o propósito de alcançar as maiores vantagens decorrentes dos favoráveis acontecimentos que assinalaram o fim de 1942." Mesmo antes da conferência de Casablanca, o Presidente Roosevelt declarou claramente que várias ofensivas estavam em preparação. Em sua recente mensagem ao Congresso, o Presidente afirmou: "Vamos atacar e o faremos esmagadoramente. Creio que o presente ano de 1943 testemunhará considerável progresso em percorrer as estradas que levam a Berlim, a Roma e a Tóquio."

Na conferência de Natal, o Presidente Vargas declarou que o Brasil tem aumentado consideravelmente os seus esforços contra a ação dos submarinos. "A maior parte da conferência foi devotada a ganhar a guerra," disse o Presidente Vargas. "Posso assegurar que o nosso acôrdo foi completo em todos os pontos que discutimos."

Enquanto os aviões de bombardeio e aviões de combate patrulhavam a costa, os dois presidentes e seus respectivos assistentes técnicos-militares realizaram três conferências, e depois foram à terra para uma visita de inspeção, tendo sido aclamados pelo povo durante a sua passagem pelas ruas de Natal. "Este encontro deu-nos uma oportunidade de analisar o futuro de tôdas as Américas," foi a declaração conjunta do Presidente Vargas e do Presidente Roosevelt depois da reunião. "Em nossa opinião cada uma das Repúblicas é parte interessada e afetada no mesmo grau de igualdade. A união faz a força. E' propósito do Brasil e dos Estados Unidos tornarem o Oceano Atlântico garantido para todos. Somos profundamente gratos à cooperação quasi unânime que os nossos vizinhos estão prestando à grande causa da democracia no mundo inteiro."

Dakar está agora garantida contra a vil dominação do Eixo. Mas em seu acôrdo quanto a não se tornar Dakar nunca mais uma ameaça contra o Hemisfério Ocidental, o Presidente Vargas e o Presidente Roosevelt pensavam nas gerações vindouras.

O Presidente Roosevelt seguiu, de avião, de Casablanca para Natal e daí, regressou aos Estados Unidos. As duas históricas conferências vieram afetar o curso da guerra em tôdas as partes do mundo. O Primeiro Ministro Stalin não pôde estar presente à conferência de Casablanca, mas, tanto ele quanto o generalíssimo Chiang Kai-shek foram informados de todos os detalhes dos assuntos discutidos pelos Srs. Roosevelt e Churchill. Na grande estratégia da guerra, os encontros verificados entre êsses dois líderes têm se tornado de grande projeção. Desde o começo da guerra na Europa, êles já tiveram quatro encontros. E as suas decisões têm sempre sido causa, semanas ou meses depois, de acontecimentos que abreviam o advento da vitória. Na conferência de Washington, em Junho de 1942, êles planejaram o início da ofensiva contra a Líbia, a qual se efetuou em Outubro, e a expedição à África do norte, em Novembro.

A reunião de Casablanca teve êste objetivo principal — atacar o inimigo e forçar a "rendição incondicional" das três potências do Eixo. O Presidente e o Primeiro Ministro tornaram bem claro o seu desígnio de prosseguir com a iniciativa do ataque que a expedição à África, a derrota de Rommel e as grandes contra-ofensivas russas vieram favorecer aos aliados. Além disso, garantiram que tôda ajuda possível seria prestada tanto à Rússia quanto à China, cuja resistência, respectivamente, aos alemães e aos japoneses está constituindo uma das páginas mais épicas desta formidável conflagração mundial. Afim

de tomar parte na conferência, o Presidente Roosevelt teve de ausentar-se do país pela primeira vez desde a sua viagem à América do Sul, em 1936. Em sua jornada à África, tornou-se êle o primeiro presidente a fazer uma viagem aérea durante o exercício do seu cargo, o primeiro presidente a ausentar-se do país em tempo de guerra e o primeiro, desde Abraham Lincoln, a inspecionar uma zona de guerra. O Presidente, de um automóvel "jeep", passou em revista às tropas dos Estados Unidos e depositou corôas no túmulo dos soldados americanos e franceses mortos durante as breves hostilidades que marcaram o desembarque na África, em Novembro. Em sua mensagem ao Congresso, que precedeu a sua conferência de Casablanca, o Presidente Roosevelt apresentou êstes objetivos gerais para o futuro:

Na Europa — uma ofensiva por terra; o ataque aéreo diário contra os centros industriais bélicos nazistas e fascistas, seus serviços públicos e de comunicações, portos de mar e demais pontos estratégicos.

Na Ásia — o constante bombardeio aéreo das ilhas territoriais japonesas; ofensivas no teatro da guerra do Pacífico, para forçar os japoneses à luta, onde quer que se fizer sentir a sua presença.

O Presidente previu árduas batalhas, muitos pezares e grandes dificuldades. Mas as suas afirmações foram baseadas em fatos concretos — de batalhas ganhas e de armas produzidas e enviadas para os campos da luta. O Presidente não fez nenhuma profecia a respeito de quando terminaria a guerra, mas afirmou ao Congresso que as ofensivas do Eixo, em 1942, haviam sido sustadas. E que, em 1943, as Nações Unidas pretendiam atacar — e atacar esmagadoramente.

"Hitler e Mussolini acabarão por reconhecer a enormidade do êrro de seus cálculos, ao suporem que haveriam de gozar sempre a vantagem da supremacia aérea, como quando bombardearam Varsóvia, Rotterdam, Londres, e Coventry. Eis perdida essa supremacia, e perdida para sempre. Os nazistas e os fascistas semearam vento — que colham tempestades!" Quanto à produção, declarou o Presidente:

"O progresso na frente bélica tem dependido do progresso na frente de produção. Temos justificável desvanecimento do que realizamos durante o ano de 1942. Produzimos cerca de 43.000 aviões militares, cifra superior à produção total de aviões da Alemanha, Itália e Japão reunidos. Só durante o mês de Dezembro transato produzimos 5.500 aviões, sendo que ainda está em franco crescimento a sua produção. Ademais, verifica-se que de mês em mês aumenta a média do peso dos aviões, construindo-se tipos mais pesados, cuja fabricação exige mais tempo, e cuja potência ofensiva é maior."

"Fabricamos, em 1942, 56.000 veículos para combate, 670.000 metralhadoras, 10.250.000 cartuchos para armas portáteis, 181.000.000 de projéteis para artilharia e 8.090.000 toneladas de navios mercantes. O arsenal da democracia está, na verdade, se desincumbindo da sua missão. Não há perigo de que a citação dessas cifras e fatos sirva para dar auxílio e estímulo ao inimigo. Pelo contrário, acredito que o descoroçoário sobremaneira. Desconfio que não será fácil a Hitler e Tojo explicar ao povo alemão e japonês como é que aquela "democracia decadente e ineficiente" conseguiu produzir quantidade tão fenomenal de armas e munições, e o que mais é, de homens aguerridos. Acabamos de desmentir cabalmente certas idéias errôneas que vinham sendo propaladas: especialmente a de que grupos diversos dentro de um país livre não conseguiriam pôr de lado as suas diferenças partidárias e econômicas para, em momento crítico, trabalhar conjuntamente na prossecução de um só objetivo.

Pari passu com o milagre de produção que acabo de expor, aumentaram as nossas forças armadas durante o ano passado de cerca de dois milhões para sete milhões. Estamos agora resolvidos a providenciar para que os abastecimentos de gêneros e de outros artigos essenciais à população civil sejam distribuídos de modo equitativo, a ricos e pobres, a administradores e a operários, a lavradores e habitantes das cidades. Estamos resolvidos a manter em nível estável o custo da vida. Esse é um dever primordial cuja importância todos compreendemos. E' natural que tenhamos sofrido incômodos, perturbações, e mes-

"Hoje, porém, já o povo compreende a sua força. Em préstito triunfante, côncio dessa sua força e do seu poder, avança, e não há sobre a terra força, ou combinação de forças, não há dolo, traição ou violência, que detenha essa marcha. Tem os olhos, esperançosos, postos no alvo: o gozo de uma vida caracterizada pela dignidade, segurança, e a paz de que participarão todos os homens e em tôda a parte."—Presidente Roosevelt



O Presidente Getulio Vargas e o Presidente Roosevelt, durante a sua visita de inspeção à base de Natal, ouvem as explicações de um oficial brasileiro



O Presidente Roosevelt não esconde o seu bom humor, durante uma entrevista que deu, em companhia do Primeiro Ministro Churchill, aos jornalistas

mo privações. Sofrê-los-emos em ainda maior escala antes de se conseguir a vitória. O ano de 1943 não oferecerá comodidades à frente interna. As nossas vidas diárias se ressentirão em muitas maneiras da situação penosa de uma guerra total, formidável. Felizmente, são poucos os americanos que cotam mais alto o apetite que o patriotismo. A maioria absoluta está plenamente compenetrada de que são destinados a fins militares essenciais os gêneros que exportamos a outras terras e às forças aliadas, e a preencher certas necessidades nas regiões que ocu-

pamos. Nós, americanos, pretendemos juntos realizar esta magna obra. Nos nossos empreendimentos em comum devemos erigir e fortalecer o fundamento mesmo da unidade nacional: a confiança mútua. Devemos não perder de vista o fato de que as nossas realizações no setor da produção não são relativamente maiores do que as dos russos, ingleses, ou chineses, que, embora assoberbados pelas incriveis dificuldades impostas pela guerra em que se acham envolvidos, assim mesmo conseguiram estabelecer suas indústrias bélicas. Não interromperam

o seu afã no meio de bombardeios ou "blackouts." Nós, americanos, temos por companheiros na presente guerra bravos e nobres aliados, e, de par com eles, nos desincumbimos briosamente da parte que nos compete neste empreendimento comum.

"Nós, e tôdas as Nações Unidas, queremos uma paz digna e duradoura. Durante os anos que decorreram da primeira Guerra Mundial ao início da segunda, não era nem digna nem durável a paz existente. E' preciso que não nos esqueçamos dêsse fato. Preocupam aos nossos soldados nas frentes de

De um automóvel "jeep", o Presidente Roosevelt passa em revista um regimento de tanques. No assento de trás, da esquerda para a direita, vêem-se os generais E. Harmon e Mark Clark. Correndo ao lado do automóvel, vê-se o cabo Robert Hopkins, filho de Harry Hopkins, presidente da Junta Anglo-Americana de Distribuição de Munições





À bordo de um navio de guerra americano no porto de Natal, os Presidentes do Brasil e dos Estados Unidos discutem os problemas da defesa da costa



Após a conferência realizada a bordo, os dois presidentes posam para os fotógrafos, em companhia de Harry Hopkins e Jefferson Caffery, Embaixador dos EE. UU. no Brasil



O sultão de Marracos, sentado à esquerda do Presidente Roosevelt e do Primeiro Ministro Churchill, por ocasião de um banquete que ofereceu aos dois líderes aliados

(continuação)

combate dois objetivos, além do de ganhar a guerra, coincidindo seus pensamentos com os dos nossos concidadãos aqui nos Estados Unidos. Sabem, como o sabemos nós, que seria inconcebível — e, de fato, sacrílego — se de todos esses esforços e sofrimentos, e do derramamento de sangue nos campos de batalha, não auferisse esta nação e o mundo inteiro algum benefício tangível e permanente, digno de suas legítimas aspirações.

Eis o que visam os homens nas nossas forças armadas: paz duradoura e, igualmente, emprego permanente, para si, suas famílias, e seus semelhantes, ao, finda a guerra, voltarem à sua vida normal, civil. Estão dispostos a enfrentar os riscos inerentes ao nosso sistema de livre empreendimento.

Não querem uma América post-bélica que sofra de falta de nutrição e de habitações decentes, ou que esteja à mercê de subvenções pagas pelo erário público. Não querem uma era de falsa prosperidade em que alguns se enriquecem desmesuradamente, e outros, no fim dessa era, se encontram despejados de suas casas, a exemplo do que aconteceu na derrocada de 1929. Ao falardes com os nossos jovens de ambos os sexos, vereis que querem trabalho, para si e para suas famílias; que se consideram com direito a esse trabalho, e que reconhecem não haverem seus pais, depois da guerra passada, adquirido esse direito. Ao falardes com os nossos jovens de ambos os sexos, vereis que, de par com a oportunidade para trabalhar, querem garantias contra os males oriundos das principais incertezas econômicas; querem garantias que se estendam do nascimento à morte. O Governo Nacional dispõe de meios para lhes dar essas garantias, e cumpre que o faça. Nesta guerra de sobrevivência, cumpre ter em mente não só os males contra os quais combatemos, como também os benefícios em prol dos quais pugnamos. Lutamos para preservar um grande passado e para conseguir futuro ainda mais glorioso.

Lembremo-nos de que periclitam a segurança econômica da América no futuro, a menos que seja garantida ao resto do mundo estabilidade econômica mais sólida. A América não se poderá converter em uma ilha, isolada do mundo, nem sob o ponto de vista militar nem sob o econômico. O Hitlerismo, como outra qualquer praga ou crime, germina na cizânia do feudalismo econômico e militar. Vitória na guerra atual é o primeiro e grandíssimo dos alvos que nos defrontam. Vitória, na paz que se seguir, é o segundo alvo. Depende este de lutarmos em prol de maior grau de segurança para os homens aqui e em



Entre as conferências realizadas em Casablanca, o Presidente passa em revista as tropas americanas



Durante um jantar íntimo, ao ar livre, com o seu chefe em Casablanca, vêem-se Harry Hopkins e os dois grandes generais americanos — Mark Clark e George S. Patton Jr.



O sargento Sanford Forbes, o primeiro dentre os soldados e inferiores na África, a receber a Cruz de Relevantes Serviços, é cumprimentado pelo Presidente

# "Sobejam motivos para nos vangloriarmos porque conseguimos durante o ano de 1942."

PRESIDENTE ROOSEVELT

tôdas as partes do mundo: de lutarmos em prol da Quarta Liberdade: a Libertação do Temor. De que vale estarmos a falar a respeito das necessidades humanas essenciais, de conseguir segurança, se é que corremos o risco de outra Guerra Mundial dentro de dez, vinte, ou cinquenta anos? Entra isso pelos olhos. As guerras crescem assustadoramente em proporções, em morticínio e destruição; e no grau de inevitabilidade com o qual as nações são atraídas para a voragem, tudo isso na razão inversa do tamanho decrescente do mundo, cujas distâncias são vencidas como resultado da conquista do ar. Não ousa sequer imaginar o que será da pobre humanidade, inclusive a nossa geração, se a guerra atual terminar com uma paz inconcludente, desencadeando-nos outra hecatombe quando as crianças de peito de hoje atingirem a idade de combater. Todo americano implora aos céus que não se apresente este horror outra vez a ele, seus filhos, ou seus netos. A lembrança de tais horrores há-de permanecer imorredoura, gravada na memória de todos que presenciaram este descalabro, que avilta as grandes conquistas da humanidade.

Já compreendeu a maioria dos americanos, com maior penetração que dantes, que, possuindo, nações agressoras os petrechos modernos de guerra, pode, da noite para o dia, periclitar a nossa existência nacional, ou a de qualquer outra nação, ou ilha, ou continente. Não padece dúvida de que, se permitir que se mantenham armadas a Alemanha e a Itália e o Japão, ou uma só delas, ou se per-



Com um efusivo aperto de mão, o Presidente Roosevelt recebe o Presidente E. Barclay, da Libéria, no seu "jeep", para fazerem uma inspeção às tropas americanas

mitir que mais uma vez cuidem de se rearmar, mais uma vez, inevitavelmente, se lançarão em desenfreada carreira de conquista mundial. E' preciso desarmá-las, e mantê-las desarmadas, e é preciso que abandonem a sua filosofia, e a vulgarização dessa filosofia, que custou tantos sofrimentos para o mundo inteiro. Procurámos, depois da Primeira Guerra Mundial, criar, baseando-nos num idealismo grandioso e nobre, uma fórmula que garantisse paz permanente. Fracassámos. Ensinou-nos, entretanto, o nosso fracasso, que no ponto em que estamos do progresso humano, não bastam ainda as

boas intenções como base e garantia da paz. São hoje as Nações Unidas a mais poderosa aliança militar de que dá fé a história, abrangendo uma maioria absoluta da população do globo. Unidas pelo solene compromisso de não cometer atos de agressão ou de conquista contra o próximo, as Nações Unidas poderão e deverão permanecer unidas em prol da manutenção da paz, para impedir qualquer tentativa por parte da Alemanha, do Japão, da Itália, ou de outra nação qualquer que intente, mediante rearmamento, quebrar o Décimo Mandamento da Lei de Deus: "Não cobiçarás." Não faltam cétricos para dizer que pretendemos o impossível. Entretanto, o povo americano, e todos os povos da terra que amam a liberdade, exigem a consecução desse desiderato. A vontade deste povo há-de vencer. A filosofia básica das Potências do Eixo é o profundo desprezo pela raça humana. Se nos inspirarmos desse mesmo cínico desprezo ao formularmos o nosso programa para o futuro, entregamo-nos de pés e mãos atados à filosofia de nossos inimigos, e nossa vitória se converterá em derrota. O principal problema focalizado pela guerra atual é o da falta de acôrdo entre os que têm fé na humanidade e os que não têm — dissensão vetusta essa entre os que põem a sua confiança no povo e os que a põem em tiranos e ditadores. Existiu sempre essa casta dos que não confiam no povo, dos que põem obstáculos à sua marcha triunfante através da história, dos que preferem condená-lo à servilidade abjeta, ao sofrimento e ao mais absoluto silêncio.



Completa conjunção de esforços na prossecução da guerra, foi a garantia dada pelos dois aguerridos líderes franceses que aqui se vêem em companhia do Presidente Roosevelt e do Primeiro Ministro Winston Churchill. A' esquerda está o general Henri Honoré Giraud e entre o Presidente Roosevelt e o Sr. Churchill, está o general Charles de Gaulle

AEROPLANOS .....	48.000
TANQUES E ARTILHARIA MECANIZADA .....	56.000
METRALHADORAS .....	670.000
CANHÕES ANTI-TANQUES .....	21.000
MUNIÇÕES DE PEQUENO CALIBRE .....	10.250.000.000
GRANADAS DE ARTILHARIA .....	181.000.000
NAVIOS MERCANTES (tonelagem) .....	8.090.000



# O FERRY COMANDO

**P**INTADOS de verde escuro, para se confundir com a paisagem inglesa, os aviões de uma esquadilha de bombardeiros decolam de um aeródromo num dos Estados do este norte-americano, com rumo à Terra Nova, na primeira etapa do seu voo para a Gran-Bretanha, a grande concentração da arma aérea aliada.

Uma vez no ar, a tripulação entrega-se à rotina do voo. O navegador verifica o curso e o rádio-telegrafista envia suas mensagens horárias, comunicando a posição do aparelho ao pessoal de terra, que, por sua vez, está acompanhando a marcha do voo da esquadilha. Dentro de poucas horas, os bombardeiros fazem a aterrissagem num campo secreto de aviação. E logo que os seus tripulantes pisam o solo da Terra Nova, o pessoal da conservação dá um repasse no avião.

Enquanto isso, os pilotos recebem os boletins meteorológicos e os sinais secretos de reconhecimento. E os aviões decolam novamente. Mais uma vez, a tripulação prepara-se para os detalhes de um longo voo. A velocidade do vento, o abastecimento de combustível aos motores, a acumulação de gelo nas asas e a velocidade do aparelho, são pormenores observados constantemente. De vez em quando, encontram navios que fazem parte de um comboio, rompendo o bloqueio dos submarinos inimigos. Mas em geral, na maior parte da rota para a Inglaterra, o voo é feito muito acima das nuvens, para evitar qualquer encontro com o inimigo.

Perto da costa britânica, cada piloto conserva no colo uma pistola de sinal, pronto para comunicar-se com qualquer vaso de guerra aliado, avião ou mesmo uma bateria de terra, que possa exigir prova da sua identidade. Através dos controles de rádio-direção instalados nos aeródromos britânicos, os bombardeiros são encaminhados para as respectivas pistas. Em menos de nove horas, desde a decolagem na Terra Nova, os bombardeiros alcançam o seu objetivo, em certo ponto em território inglês, onde são, então, distribuídos.

Centenas de tais formações, compostas de aviões de combate, recém-saídos das fábricas dos Estados Unidos, têm surgido dos céus sobre a Inglaterra e sobre outros aeródromos aliados, desde o começo da guerra. E para as frentes de batalha estão seguindo, em crescente quantidade, milhares de bombardeiros, de gigan-



**Nancy Harkness Love** — comandante da Esquadilha Auxiliar Feminina dos Transportes Aéreo-Militares, classe anexa à Aviação do Exército, composta só de mulheres



**Experientes** navegadores do Comando de Transportes Aéreos, familiarizados com tôdas as rotas aéreas do mundo, reúnem-se para uma palestra no intervalo dos voos. Dentro de 24 horas, muitos desses pilotos estarão na Inglaterra ou na África. Em baixo: Três pilotos estudam um mapa meteorológico e aguardam ordens



**O piloto** James V. Varrone, de regresso da Europa, guarda o seu saco de viagem, enquanto vái repousar, antes de entregar outro bombardeiro



**Depois** de levarem os aviões de bombardeio das fábricas norte-americanas para as frentes de batalha dos aliados, os pilotos do Ferry-Comando regressam aos Estados Unidos, também de avião



**O piloto** de um bombardeiro "Marauder" faz sinal ao pessoal de terra, informando que já está pronto para decolar com rumo à Inglaterra, em mais uma viagem

**(Continuação)**

tescos cargueiros aéreos e aviões de combate dotados de depósitos sobressalentes para o precioso combustível. Nos controles encontram-se jovens pilotos que enfrentam, com a maior naturalidade, os riscos de vôos contínuos através de mares e continentes. O sistema de entregas de aviões para as forças aliadas circunavegando o globo está a cargo do Comando de Transportes Aéreo-Militares da Aviação do Exército dos Estados Unidos. A sua organização foi iniciada em Junho de 1941, para atender à entrega de aviões à Inglaterra, em virtude dos contratos de empréstimos e arrendamentos, devendo os aviões levantar o vôo de vários pontos situados no continente norte-americano, na parte mais setentrional possível. O sistema desenvolveu-se rapidamente, mas, antes do episódio de Pearl Harbor, constituía um tráfego aéreo de caráter essencialmente interno. Quando os Estados Unidos entraram na guerra, os serviços do "Ferry-Comando" estenderam-se pelo mundo inteiro. Aviões e abastecimentos tinham que ser enviados para as forças norte-americanas e aliadas na China, na Rússia, na Inglaterra, no norte da África e em outros pontos. Em Fevereiro de 1943, o Comando de Transportes Aéreo-Militares alcançará proporções que representam o dôbro do total da Aviação Militar em 1940. E agora, é maior que todas as linhas aéreas comerciais reunidas do mundo.

As duas secções principais do tráfego do Comando de Transportes Aéreo-Militares são a de entrega de aviões e a de transportes, propriamente, que se encarrega do movimento de carga e de pessoal para todas as frentes de combate. Ambas abrangem um serviço que se alastra sobre todos os continentes e todos os mares do mundo, e compreendem nove ramos: O do Atlântico-norte, que se dirige à Inglaterra; o da Europa, que segue pela rota do sul da Inglaterra; o do Mar das Antilhas, com destino à América do Sul, o do sul do Atlântico, em direção à África; o do Oriente Médio Africano, que atravessa a África e o Oriente Médio; o da Índia e China, que vai ter a esses dois países; o do Pacífico, para Hawaii; o do sul do Pacífico, com rumo à Austrália e, finalmente, o ramal do Alaska, que atravessa o Canadá e o Alaska, no extremo oeste.

Esse tráfego parte de seis bases áreas principais distribuídas nos Estados Unidos e localizadas de tal maneira, que servem aos pontos onde mais se centraliza a produção de aeroplanos. Dessas bases decolam em número cada vez maior, os aviões de guerra de 50 ou 60 tipos diferentes que estão sendo produzidos no país, para todos os fins militares.

A maior parte dos aviões de combate segue para certos centros de adaptação, onde passam por alterações especiais, de acordo com as necessidades do campo de ação em que vão eles operar. Assim, uns são preparados para as regiões árticas, outros para os trópicos. O equipamento sofre as alterações indicadas pelas experiências mais recentes levadas a efeito em combate. Dessa maneira, ficam as fábricas desobrigadas de fazer alterações de última hora.

Uma vez entregues aos pilotos que os conduzirão ao seu destino fóra do país, os aviões alcançam extremos designados na costa norte-americana, onde recebem, então, o equipamento completo de guerra. Conquanto estejam os tripulantes prontos para entrar em ação, o seu objetivo é de apenas transportar o avião para os combatentes e evitar qualquer possível encontro com o inimigo. As precauções tomadas nesse sentido, têm assegurado a travessia dos aviões durante todas as estações do ano, sem haver necessidade de alterar o sistema adotado, que representa considerável economia de tempo.

A ilustração da contra-capa desta revista é bem característica de um aeródromo perto da fábrica onde os aviões de bombardeio "Marauder" são produzidos. Dezenas de aviões terminados estão alinhados no extremo do campo, à espera dos pilotos do Ferry Comando, que os levarão para os aliados.



A primeira parada na rota para a Inglaterra, é este aeródromo na Terra Nova, onde a tripulação faz um ligeiro repouso e verifica os boletins meteorológicos, antes de iniciar a grande jornada através do Atlântico



Depois da travessia, já na Inglaterra, um grupo de pilotos do Ferry-Comando comenta os incidentes da viagem. Em geral, o vôo desses aviões é feito sem novidades de monta. As perdas têm sido insignificantes. Em baixo: Acomodações num dormitório ao ar livre para os pilotos, em aeródromo situado na África ocidental, na rota do sul



Nesta fotografia, tirada de um avião atacante, pode ver-se a tremenda destruição causada pelos raids aéreos, em grande escala, contra territórios alemães

# INVASORES AÉREOS

OS ALEMÃES COMEÇAM A SENTIR OS EFEITOS DA SUPERIORIDADE DOS ALIADOS

O PRIMEIRO ataque aéreo alemão contra Londres ocorreu numa tarde límpida e morna de verão. Esquadrilhas de aviões bombardeiros e de combate penetraram as linhas de defesa no estuário do Tamisa e atacaram com bombas explosivas e incendiárias a parte da cidade onde estão situadas as docas. O raide continuou durante a noite toda, tragicamente clareada pelas chamas dos grandes incêndios, para gáudio do espírito satânico nazista.

Dêsde esse primeiro raide, realizado a 7 de Setembro de 1940, até meados de Novembro, Londres foi bombardeada todas as noites e quase todos os dias. Durante o inverno, os ataques se estenderam, atingindo as cidades de Coventry, Bristol, Canterbury, Plymouth, Cardiff, Birmingham e até os centros de veraneio, como Brighton e Penzance.

Noites seguidas, o rádio nazista anunciava, em inglês, que a Inglaterra estava sendo arrasada. De vez em quando, o "speaker" iniciava a sua irradiação com este aviso, característico da fúria alemã: "Esconde-te em teus porões, mísero povo da Inglaterra! A Luftwaffe está a caminho novamente!"

O "blitz" germânico na Inglaterra terminou em Junho de 1941. Foram mortos 43.000 pessoas, aproximadamente, da população civil, e ficaram seriamente feridas 50.000. Mas a Gran Bretanha estava longe de ser destruída. A Luftwaffe havia atacado com toda a sua fúria. Mas falhou.

Agora, a situação é oposta. Dia e noite, são os aviões da Inglaterra e dos Estados Unidos, que, de suas bases em território inglês, realizam formidáveis raids contra objetivos militares no continente, e em escala crescente. Os centros industriais alemães, que, segundo o rotundo Goering havia garantido, nunca seriam bombardeados, estão sendo alvos de assaltos aéreos continuamente. Nuvens de aviões anglo-americanos atacam as defesas ocidentais germânicas em toda a sua extensão.

A R.A.F. está se expandindo consideravelmente. O Exército dos Estados Unidos está desenvolvendo o seu poder aéreo na Inglaterra, tornando-se uma força tremenda, em homens e em aviões. Algumas das maiores formações dessa crescente força aérea norte-americana estão decolando diariamente das

bases inglesas, com rumo aos centros vitais alemães. Cada um dos milhares de pilotos que se encontra nos campos de treinamento nos Estados Unidos, só segue para a Inglaterra depois de contar com 200 horas de vôo, pelo menos. Lá, ele passa várias semanas, adquirindo conhecimentos de topografia, de navegação e demais detalhes essenciais da guerra aérea no setor britânico. Depois disso, está pronto para o combate.

Dentre os elementos que compõem essa força aérea, há os pilotos dos aviões de combate, aviadores decididos e agressivos; os pilotos de bombardeiros, de natureza mais fleugmática; os navegadores e bombardeadores, mais inclinados ao estudo; os mecânicos, procedentes de milhares de garages, de oficinas e fábricas; e, ainda, os artilheiros, que antes eram trabalhadores do campo, empregados no comércio, "cowboys" ou estudantes. Eles agora estão instalados em velhos castelos de granito ou em novos quartéis de madeira. São todos valiosos elementos de grupos especializados que constituem o poder aéreo que é agora o maior pesadelo de Hitler.



Um "Fortaleza" ao receber o seu carregamento de bombas. Estas são bombas de peso médio, muito menores do que as de 4 toneladas, que destróem um quarteirão

Para fazer entrar em ação uma "Fortaleza Voadora" ou um "Liberator", são necessários 20 homens. Metade d'êles constitue o grupo combatente, e o resto compõe o pessoal de terra, indispensável para repassar os motores, carregar as bombas no avião e manter o mesmo em condições de vôo. A bordo do aparelho seguem o piloto, o co-piloto, o bombardeador, o navegador, o engenheiro aeronáutico, o rádio-telegrafista e quatro artilheiros. No ar, todos os tripulantes de um desses formidáveis aviões têm que agir coordenadamente, com precisão cronométrica.

O piloto encarrega-se de aproximar o avião do objetivo e deixa-o à disposição do bombardeador. Este, ajoelhado no pequeno espaço transparente situado na prôa do aparelho, dirige, então, o seu curso. Qualquer movimento em falso pode ocasionar um erro de dezenas de metros na trajetória da bomba. Logo que são largadas as bombas, o piloto assume novamente o comando do vôo de regresso à base.

Os artilheiros de uma "Fortaleza", referindo-se aos seus encontros com os aviões nazistas, acentuam a rapidez de tais episódios. Um piloto alemão tenta o ataque por baixo, e o artilheiro do centro, que geralmente fica de cabeça para baixo, na sua torre denominada "bola de cristal", faz um rápido disparo, vê a fumaça sair do avião atacante, seguindo-se uma explosão. Às vezes, os aviões nazistas, inferiormente armados, quasi que desaparecem, num tremendo e súbito relâmpago.

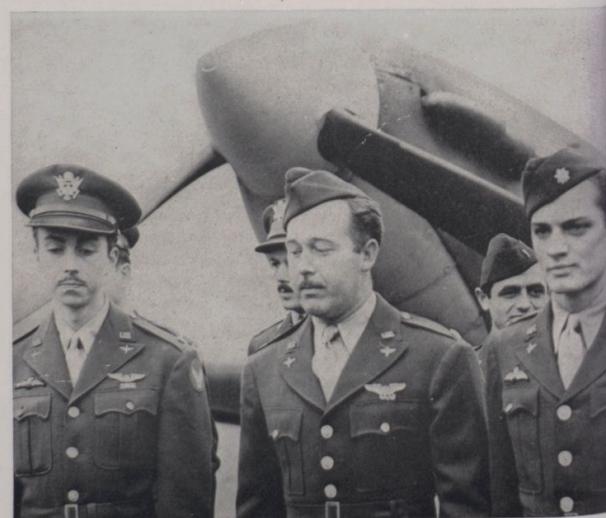
O pessoal de terra têm um apêgo sentimental pelo avião a seu cargo. Enquanto o aparelho está num raide, explica um dos mecânicos: "Ficamos aqui torcendo e suando. E não há maior satisfação do que notar a volta do avião".

Tanto os tripulantes como o pessoal de terra sabem que as "Fortalezas Voadoras" e os "Liberators" estão em condições de superioridade quando enfrentam os aviões de combate nazistas que surgem, furiosamente, para atacá-los. Cada um dos aviões de bombardeio é armado com três metralhadoras de .50 de calibre. Voando em formação cerrada, êsses gigantes aéreos contra-atacam com uma barragem de fogo que despedaça os aviões inimigos. Os comunicados oficiais atestam do efeito mortífero, fulminante, do armamento das "Fortalezas Voadoras." Os aviões atacantes nazistas são, frequentemente, destruídos logo no primeiro contato, numa porcentagem que já atinge cinquenta por cento.

Enquanto que os tripulantes das "Fortalezas" se orgulham do potencial de fogo e da capacidade de carga de bombas dos seus aviões, os tripulantes dos bombardeiros médios acentuam a sua satisfação pela extraordinária velocidade e resistência dos seus aparelhos. Todos se recordam muito bem do primeiro raide levado a efeito contra a Alemanha. Foi um tremendo assalto contra aeródromos e depósitos das forças nazistas em território ocupado na Holanda, ocorrido numa data que todos os americanos prezam — o memorável dia 4 de Julho de 1942 — aniversário da Independência dos Estados Unidos.



Bombardeiros aliados, em vôo baixo sôbre a França, com rumo a um centro industrial. Esse gênero de vôo é agora o preferido por muitos comandantes de esquadrilhas, porque assim só se expõem ao fogo anti-aéreo durante poucos segundos



As asas duplas no ômbro destes três aviadores norte-americanos indicam que êles serviram na Esquadriha da Águia, da F.A.B., antes da entrada dos Estados Unidos na guerra



Pilotos de aviões norte-americanos na Inglaterra, ao receberem as instruções para um raide sôbre a Europa. Seus aviões acompanham as "Fortalezas" e os "Liberators"



Os aviadores americanos adquirem rapidamente, de seus colegas ingleses, o hábito de tomar chá. Esta fotografia foi tirada numa cantina móvel, perto de um dos aeródromos

# A ESCASSEZ DO COMBUSTÍVEL

Os rigores do inverno estão fazendo sentir-se este ano em mais de um milhão de lares norte-americanos, que antes se destacavam dentre aqueles que eram mobiliados com o maior apuro e que tinham o melhor aquecimento nos Estados, na costa do Atlântico. Esses lares estão agora usando menos combustível, para manter bem abastecidas as tropas que dêle necessitam nas frentes de batalha.

Modernas fornalhas a óleo haviam sido instaladas nessas casas de residência, antes da guerra. Mas em consequência das necessidades bélicas, o abastecimento de óleo combustível para o consumo civil sofreu uma rápida redução. Por isso, o óleo e outros produtos do petróleo tiveram que ser sujeitos a rigoroso racionamento. Todos quantos tinham em suas casas fornalhas a óleo, foram forçados, pelas circunstâncias, a atender ao pedido do govêrno, no sentido de não manterem o aquecimento acima de 18.3 graus Centígrados. A princípio, a razão de combustível era equivalente a 20 por cento menos do que o consumo verificado no ano anterior. Mas, mesmo depois da presença das neves e quando as temperaturas de abaixo de zero já eram comuns, foi necessário reduzir aquela cota de mais 10 por cento.

Estavam sujeitas ao racionamento de combustível, 1.400.000 casas de residências, aproximadamente. E as autoridades preveniram que a crise poderá continuar aguda por mais um ano causada pela necessidade de ativar a guerra.

Noventa e cinco por cento do óleo consumido nos Estados do este americano, em tempo de paz, eram transportados por navios petroleiros, que se abasteciam da sua preciosa carga em portos do Golfo do México, contornavam a península da Florida e rumavam para a costa do Atlântico.

Os submarinos alemães começaram a aparecer nessas águas poucos dias após o ataque dos japoneses contra Hawaii, e vários navios foram torpedeados. Os petroleiros que conseguiram escapar foram pouco depois necessitados para abastecer tropas em operações militares em vários setores, em tôdas as partes do mundo.

As vias férreas dos Estados Unidos, que já estavam superlotadas com o movimento de tropas e de munições, passaram, então, a transportar também o petróleo para o este, do Texas e de outros Estados produtores no extremo sul do país. Nada menos de 70.000 vagões foram postos à disposição para isso.



Na primavera um oleoduto de 24 polegadas de diâmetro estará completo, ligando os campos petrolíferos do Texas às regiões do este, e deixará disponível para transportes mais vitais, os navios ora necessários para trazer o óleo embarcado nos portos do Golfo do México. Pelo oleoduto correrão 9.000.000 de barris de óleo cru por mês.



Quando se verificaram em Charlestown, Massachusetts, queixas de que muitas pessoas não conseguiam encontrar querosene para os seus fogões de cozinha, as autoridades, por intermédio de uma firma distribuidora do produto, obtiveram um vagão inteiro, cujo carregamento de querosene foi posto à disposição do público, numa praça.

As tempestades de neve em algumas regiões dos Estados Unidos vieram encontrar os seus residentes mal preparados para as temperaturas de abaixo de zero. E com o óleo combustível sujeito ao racionamento equivalente a dois terços ou menos, da quantidade normal do consumo, enfrentam eles um dos invernos mais rigorosos, nestes 30 anos.

A razão por que todos tremem de frio é a necessidade de gasolina para as frentes de batalha. Há petróleo em quantidade nas refinarias no Texas, em Oklahoma e na Califórnia, mas os numerosos meios de transportes estão agora tão sobrecarregados com as necessidades de guerra, que o precioso combustível nem sempre pode ser transportado.



# PERÚ

ABASTECEDOR DAS NAÇÕES UNIDAS

NO firme propósito de atender às necessidades impostas pela guerra, o Perú está intensificando tanto a produção de suas minas e da sua agricultura e pecuária, como a da sua silvicultura.

Nos picos altaneiros dos Andes, a 4.900 metros acima do nível do mar, toneladas de cobre estão sendo extraídas especialmente para suprir os arsenais das Nações Unidas. Nos vales irrigados que se estendem ao longo da costa do Pacífico, os agricultores peruanos trabalham extraordinariamente para produzir mais trigo, mais milho e mais batatas, para fazer frente aos mercados que não mais podem contar com o fornecimento do exterior. Graças aos prodígios dos seus engenheiros, o Perú está desenvolvendo a exploração das riquezas tropicais que jazem nas cabeceiras do Rio Amazonas, servindo-se para isso de uma magnífica rodovia que vá atingir os píncaros andinos.

As suas minas, as suas granjas e plantações situadas na zona do oeste, constituem atualmente a sólida base em que se firma a economia do Perú. Para o amanhã, o país encara as novas e promissoras perspectivas que lhe oferecem as riquezas contidas no seu solo, tais como o petróleo, e os valiosos produtos naturais dentre os quais se destacam a borracha, os óleos vegetais e as ervas medicinais, na região oriental da cordilheira, ainda relativamente inexplorada. Os produtos agora procedentes dessa área, destinados a aumentar os estoques bélicos das Nações Unidas, representam apenas uma parcela mínima das imensas possibilidades dos vastos recursos que os peruanos esperam aproveitar em futuro próximo. Muito antes de haver a guerra atingido a

costa do Pacífico, a progressista república sul-americana já tinha dado início aos importantes trabalhos de construção, nas escarpas dos Andes, da moderna rodovia que iria, pela primeira vez, facilitar ao país uma via de rápida de comunicações e de transportes entre a populosa mas árida região da sua costa no Pacífico e as ricas florestas do seu denso "hinterland" na zona fronteiriça com o Brasil. A guerra veio dar decidido incremento a esses vultuosos trabalhos.

Agora, a estrada já se acha quase terminada e vá alcançar extraordinárias elevações de 5.000 metros acima do nível do mar, atravessando, em seu percurso, grandes florestas virgens. Vários hotéis mandados construir pelo governo, em pontos convenientemente situados, tornam agora perfeitamente confortáveis as viagens pelo interior do país.

A Empresa Peruana-Amazonense, chefiada pelo ex-ministro das Finanças e Comércio, David Dasso, está promovendo o desenvolvimento da região do Alto-Amazonas. Plantações experimentais de borracha foram feitas com grande sucesso e o produto já está sendo embarcado para o exterior do país. A sua extração ainda não atinge grandes quantidades, mas as suas possibilidades são tão evidentes que a primeira fábrica de pneumáticos do Perú já está sendo construída em Lima, para manter no país, os seus automóveis em movimento durante o período da guerra.

Ao longo da nova rodovia, no trecho de Tingo Maria, foi criado um grande posto agrícola experimental, onde os produtos da zona tropical, constantemente sujeita aos efeitos pluviais, estão sendo submetidos a provas e ao cultivo racional, com ótimos resultados.



O Palácio Presidencial do Perú fica situado na Plaza de Armas

planejada em 1535 por Francisco Pizarro e em torno da qual foi construída a cidade de Lima. Repleto de históricas relíquias, o palácio foi recentemente modernizado



Cinco estudantes de química industrial, na Universidade de San Marcos, interessados em contribuir para o progresso de sua pátria



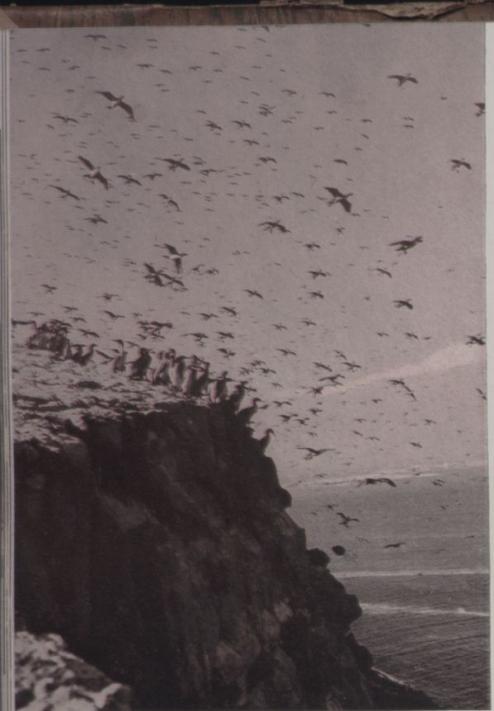
As crianças brincam alegremente em frente destas habitações para os operários. Seus ocupantes, depois de pagarem o aluguel durante 20 anos, entram na posse das casas



Um dos "Restaurantes do Povo", em Lima, cujas refeições são cientificamente preparadas e servidas grátis às jovens mães e a preços populares aos demais

O Dr. Manuel Prado, ilustre Presidente do Perú, recebe os cumprimentos de seus concidadãos





Milhares de aves marinhas que habitam esta ilha na costa, nela acumulam o guano, que é um valioso adubo



Depois do petróleo, o cobre é o maior produto mineral do Perú. A sua exploração foi descuidada por longo tempo, quando o ouro e a prata mereciam a preferência. Agora, o cobre peruano está suprindo as Nações Unidas

O Perú tem as mais belas tradições de um glorioso passado. Os habitantes de Cuzco trabalham sob as sombras da antiga fortaleza de Colcampata-Sacsahuaman



### (Continuação)

Os especialistas que ora formam o corpo técnico desse posto estão fazendo a exploração científica da riquíssima flora adjacente, em busca de novas e valiosas fontes de matérias primas de aplicação universal.

Numa nova área do posto, numerosos alqueires de terra foram especialmente lavrados para o cultivo experimental do chá, da pimenta, de vegetais oleaginosos, fibras e legumes. Esse trabalho constituirá a base de um sistema de desenvolvimento agrário que terá grande significação, tanto na economia interna do Perú como no seu comércio de exportação.

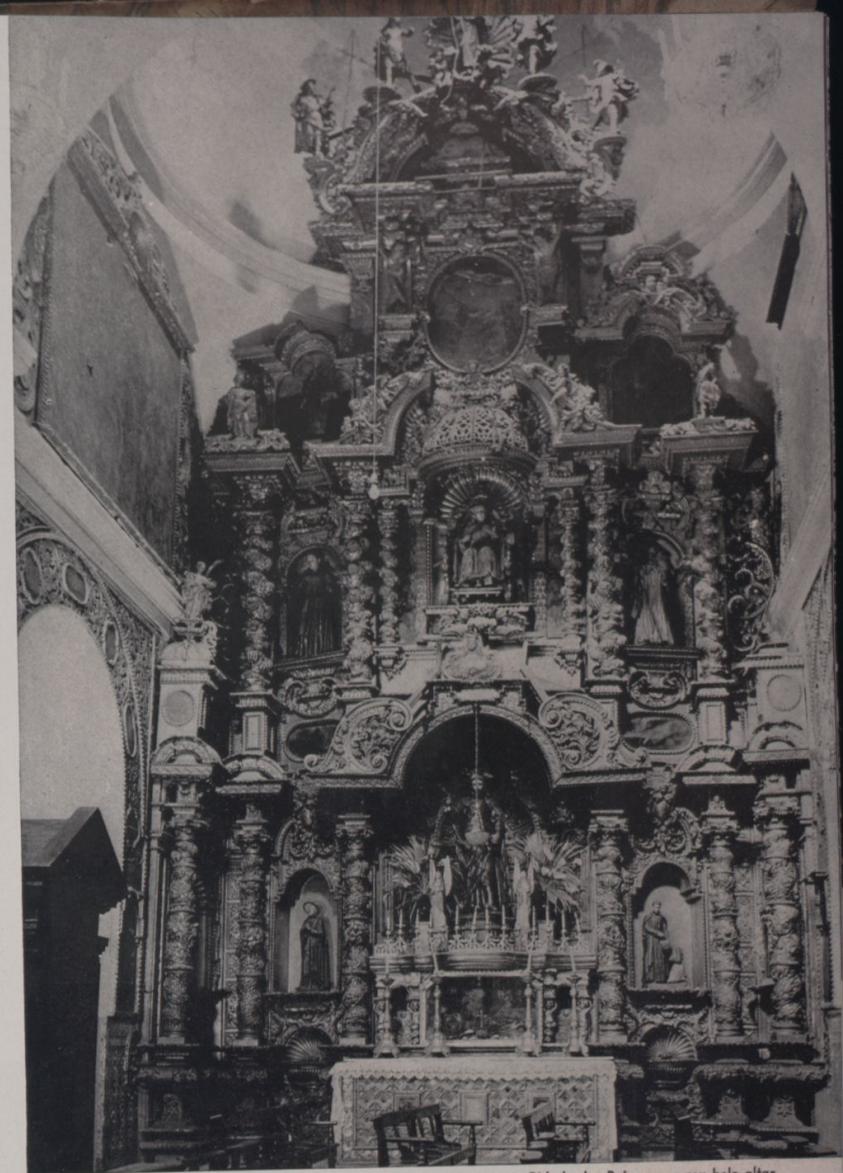
Um dos principais projetos ora em acurados estudos é o que se destina a encontrar novas fontes de um produto medicinal que os exércitos das Nações Unidas necessitam em grandes quantidades. Em tempos imemoriais, os índios do Perú que habitavam a bacia do Amazonas verificaram que podiam curar a malária, por meio da ingestão de uma infusão da casca de cinchona. Foi assim que eles descobriram a quinina, o alcalóide vegetal que constitui a droga medicinal tão necessária aos habitantes dos países tropicais e às tropas em operações nas regiões inhóspitas do mundo. O Perú está agora buscando nas suas florestas do vale do Amazonas as plantas que apresentem o mais elevado teor da quinina, e fazendo o cultivo das melhores variedades, em bases racionais.

A economia de guerra do país desenvolve-se sob um espírito de vastas iniciativas práticas tanto no terreno industrial como no agrícola. Originariamente, o seu solo foi fartamente explorado pelos conquistadores espanhóis nas suas fontes de riqueza representadas pelo ouro e pela prata. Recentemente, o cobre tem se tornado o produto mineral de maior importância do Perú. Mas os peruanos de há muito que se certificaram da existência de grandes depósitos de carvão, situados a cerca de 300 quilômetros ao norte de Lima, assim como de consideráveis jazidas de minério de ferro de bom teor, numa vasta área árida, a 350 quilômetros ao sul da capital do país e também noutros pontos situados dentro de uma faixa de terra de 20 quilômetros no litoral do Oceano Pacífico.

A velha vila de Chimbote, tão batida pelo sol tropical, no extremo norte de uma ilha que protege duas baías na costa do Pacífico, com espaço bastante para conter uma esquadra inteira, parece estar destinada a tornar-se o centro da projetada indústria siderúrgica do Perú. Será necessária a reconstrução da vila, desde os trabalhos de abastecimento de água potável até a instalação de um pequeno, mas moderno hotel. Chimbote será ligada por uma via férrea de 100 quilômetros de percurso, às minerações de carvão, elemento necessário para os altos fornos. Novas docas já estão projetadas, com capacidade para o carregamento do combustível, numa base de 400 toneladas por hora.

De par com o progresso verificado na economia interna do Perú, assinala-se a inequívoca posição da futura república ao lado das Nações Unidas na guerra contra as potências do Eixo. O seu ilustre Presidente, Dr. Manuel Prado, esclarecido espírito democrata, foi o primeiro dos Chefes de Estado sul-americanos a declarar a sua solidariedade com a política internacional do Presidente Roosevelt, havendo, ainda, aprovado entusiasticamente os princípios contidos da Carta do Atlântico. As forças armadas peruanas têm se mantido em constante alerta contra qualquer possível ataque à sua costa estratégica diretamente exposta no Pacífico. Um dos maiores problemas relativos à segurança do país, tem sido a presença de 30.000 japoneses residentes em Lima. As autoridades os mantêm sob constante vigilância e têm conseguido evitar qualquer ato de sabotagem ou de interferência com o programa governamental em prol das democracias do mundo.

Contando o Perú com os seus próprios mananciais de petróleo, recursos que lhe são ultrapassados, na América do Sul, apenas pelas jazidas de Venezuela e da Colômbia, de fato, poucos têm sido os sinais dos efeitos da guerra, observados na sua ativa vida interna.



O Perú é uma interessante mescla da glória colonial que fez de Lima a Cidade dos Reis, com o seu belo altar na Igreja de San Pedro. Em baixo: No moderno Hospital dos Operários, com 607 quartos, inaugurado em 1940, a nação facilita a hospitalização grátis aos operários. Outros hospitais estão em projeto, noutras cidades



# SUBMARINOS

O SUBMARINO é uma das unidades da esquadra que mais exigem especialização e resistência física dos seus tripulantes. Quando um submarino deixa a sua base, para empenhar-se no ataque contra navios mercantes ou tomar parte em combate juntamente com a esquadra, a sua guarnição permanece a postos continuamente, por meses a fio. Alguns submarinos nem voltam às suas bases, para se reabastecerem. Encontram-se secretamente com navios transportes de viveres e combustível, em pleno oceano.

Bem à vista do litoral japonês, os submarinos norte-americanos estão pondo a pique dezenas de navios da marinha mercante imperial, dos quais tanto depende o Japão para abastecer o seu exército nas regiões ocupadas, e o seu povo, dentro do próprio país, que é falto de recursos.

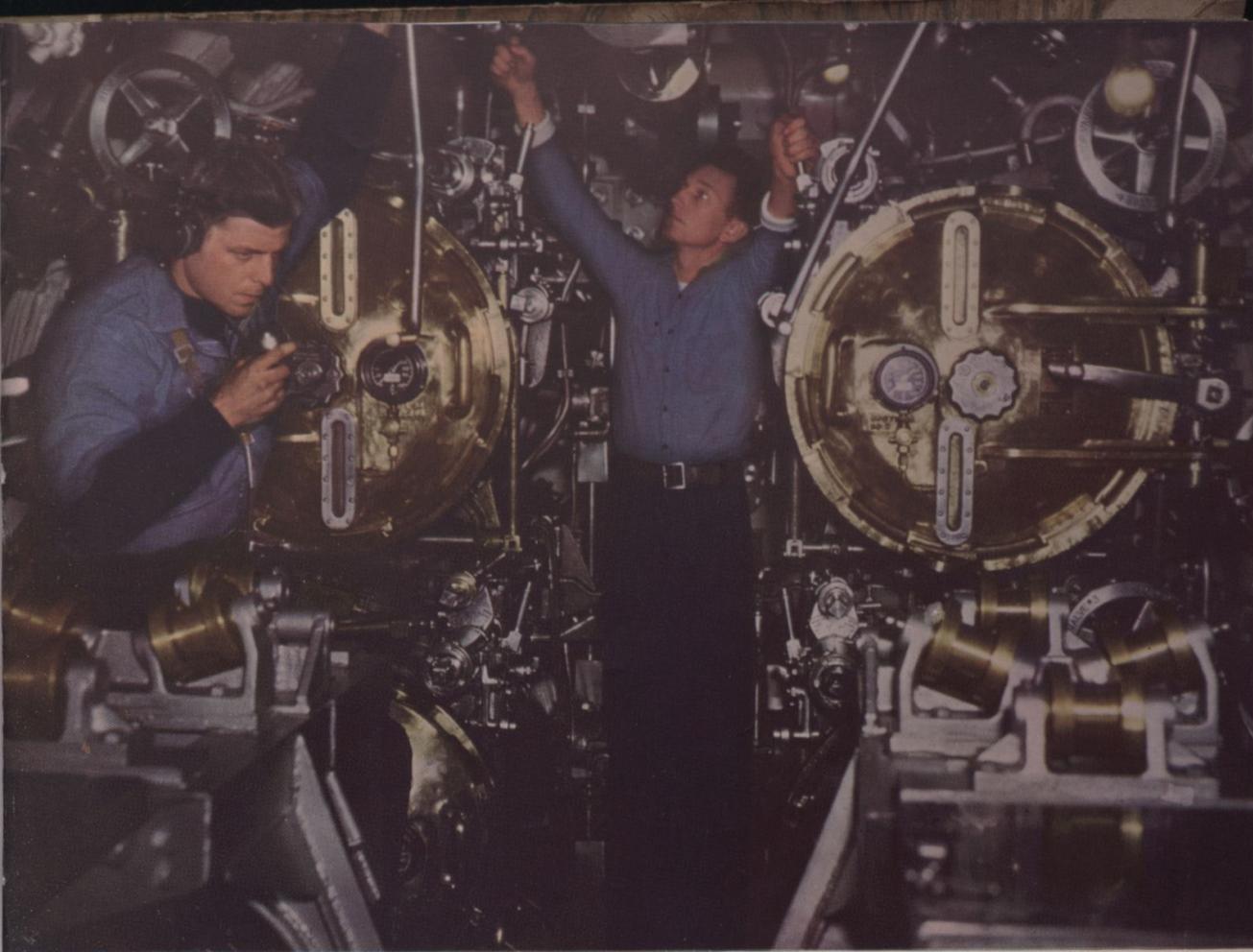
Em face desses torpedeamentos, o Secretário da Marinha, Frank Knox, é de opinião que já se aproxima o momento em que as guarnições japonesas nas ilhas ocupadas no Pacífico terão de sofrer a falta da remessa de reforços e abastecimentos para mantê-las nas suas posições.

Durante o primeiro ano da guerra, os submarinos afundaram 105 dos 273 navios japoneses postos a pique pela marinha e pelas forças aéreas, militares e navais, dos Estados Unidos. Um dos oficiais que mais se tem distinguido nessa campanha submarina, é o capitão-tenente Thomas Burton Klakring, que é perito nessa especialidade e que já afundou oito navios japoneses, num total de 70.000 toneladas de deslocamento, e avariou pelo menos quatro outros, numa única expedição submarina levada a efeito à entrada de um dos grandes portos do Japão.

Depois do ataque o seu submarino acercou-se tanto da costa, que os homens da sua guarnição puderam apreciar, pelo periscópio, uma corrida de cavalos que estava se realizando num prado da cidade.

A fotografia da capa desta revista mostra o comandante de um submarino ao periscópio, que é o seu posto quando o navio entra em ação. Ao observar um navio inimigo, ele mantém o periscópio acima da superfície do mar por pouco tempo, afim de evitar que o corte do periscópio nas águas trãia a posição do submarino e prejudique o seu ataque.

De bordo de um submarino, o sinaleiro envia uma mensagem para um navio. Em baixo: O canhão da coberta é raramente usado, a não ser contra navios pequenos, ou contra objetivos situados no litoral



Dos tubos lança-torpedos que se vêem acima, são projetados as cargas mortíferas que contêm 300 quilos de nitro-glicerina. Antes de ser lançado o torpedo, são feitos ajustes para assegurar a profundidade que o mesmo deverá manter e o curso da sua trajetória. É possível atualmente determinar essa trajetória a considerável profundidade



Um dos pilotos de pôpa no seu posto, onde se encarrega de manter a estabilidade dos planos ligados à pèpa do submarino. O problema da estabilidade do submarino sob a superfície das águas, apresenta muita similaridade com o do avião em vôo



No interior do submarino, atropetado com maquinismos de tóda sorte, há pouco espaço disponível para os tripulantes. As camas são ligadas por meio de dobradiças, às chapas do costado, em três filas sobrepostas. Parecem acanhadas, mas são confortáveis

# Pelas Américas



O Embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Jefferson Caffery, ao ser distinguido pela Associação Comercial do Rio de Janeiro, num banquete, com o título de sócio honorário. Da esquerda para a direita: O almirante Aristides Guilhem, Ministro da Marinha, Dr. Benedito Valadares, Governador do Estado de Minas; o Embaixador

Caffery, Manoel Ferreira Guimarães, Presidente da Associação Comercial, Dr. Oswaldo Aranha, Ministro do Exterior, Comandante Amaral Peixoto, Interventor do Estado do Rio; Dr. Mendonça Lima, Ministro da Viação, Dr. Salgado Filho, Ministro da Aeronáutica e Ministro João Alberto Lins de Barros, Coordenador da Mobilização Econômica



O Ex-Chanceler da Argentina, Dr. J. M. Cantilo, proferindo um discurso num comício em Buenos Aires, em honra ao Presidente Roosevelt, por ocasião do primeiro aniversário da entrada dos Estados Unidos na guerra. A sua esquerda estão os embaixadores da Inglaterra, do Uruguái, dos E.U.A. e do Perú



O major W. Dove (à esquerda), indica ao senador norte-americano Guy M. Gillette, os diferentes lugares onde está se procedendo agora a extração da borracha silvestre, nas outras Repúblicas Americanas

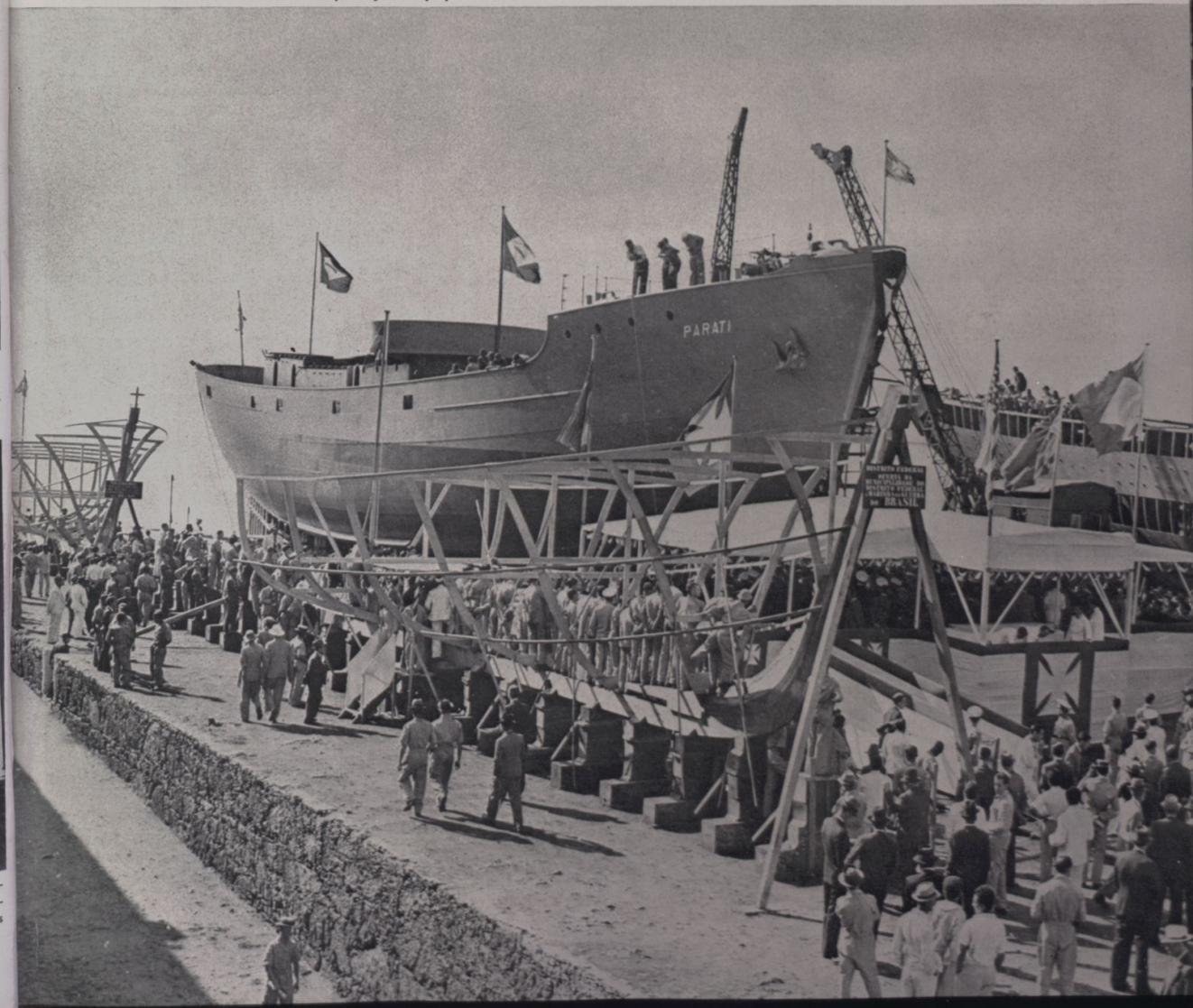


O Embaixador Mexicano, Dr. Francisco Castillo Nájera (à esquerda) e o Secretario de Estado Cordell Hull, dos Estados Unidos, assinam o novo acôrdo recíproco comercial entre os dois países. O acôrdo abrange reduções tarifárias constantes de uma longa lista de produtos de ambos países signatários. A sua duração é de três anos



De regresso da Inglaterra onde estiveram em visita a convite do governo inglês, os jornalistas brasileiros entrevistam o Prefeito F. La Guardia, de Nova York. Da esquerda para a direita: Danton Jobim, Jorge de Oliveira Maia, Miguel Arco e Flexa, o Prefeito La Guardia, Darcy Varnieri Ribeiro, Joaquim Mariano Dias Menezes e Mario Martins

Os estaleiros brasileiros aumentam a sua produção de pequenas unidades anti-submarinas. Em baixo: Uma de 950 toneladas, pronta para ser lançada ao mar



# OS CÃES NA GUERRA

OS cães, nesta guerra, não aparecem somente como mascotes; prestam estimáveis serviços auxiliares, como vigias, mensageiros e até como combatentes. Na Rússia, durante o inverno, o transporte de metralhadoras e de munições dos atiradores siberianos, é feito em trenós tirados por cães. O ataque solerte desses destacamentos, cujos soldados avançam, levados pelas suas parrelhas de resistentes cães polares, já tem aniquilado muitas patrulhas alemãs, colhidas de surpresa em tais recontros. No mistér que lhes é tão familiar, o de guarda, esses combatentes caninos são admiráveis. Têm a faculdade de sentir e dar o alarma da presença do inimigo que às vèzes se encontra, furtivamente, a centenas de metros de distância. E' o faro do cão contra a astúcia do homem, numa luta de extermínio.

Quanto ao treinamento da cães para o combate, há nos Estados Unidos três grandes centros, onde são eles amestrados no ataque ao inimigo, a uma simples voz de comando. E uma vez cerrados os seus dentes, os cães não largam a sua presa, nem mesmo a custo de pancada ou de ferimentos. São de ferocidade única.

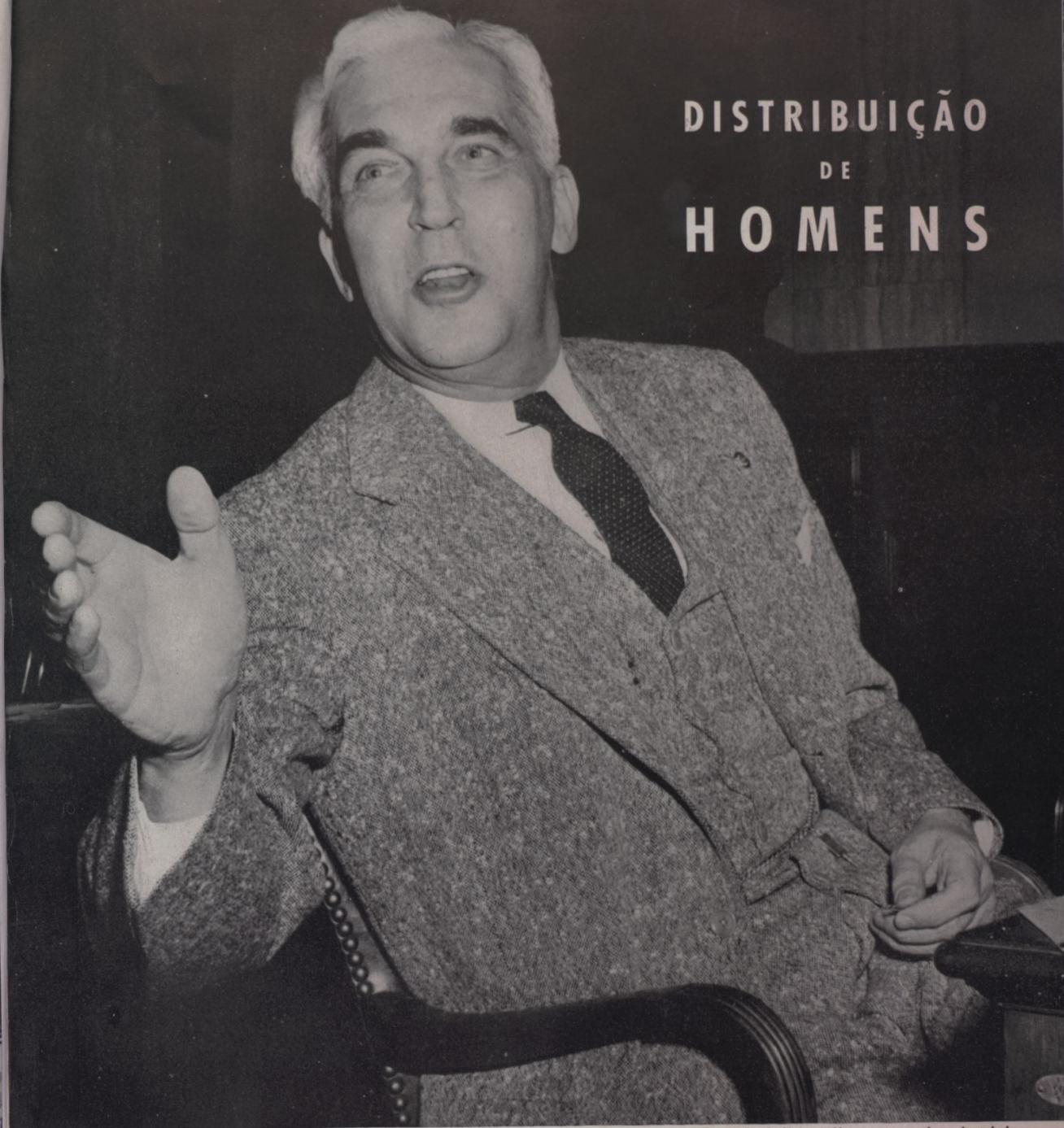
Dois raças de grandes cães muito populares na Alemanha de antes da guerra, são o "Doberman Pinscher" e o cão de pastor. Ambos têm dado provas de ser os mais ferozes e mais eficientes para fins militares e, por isso, são os que se encontram em maior número naqueles centros de adestramento canino. O "Doberman Pinscher", de orelhas curtas e empinadas, é dotado de poderosas mandíbulas e foi criado, originariamente, para o ataque contra banditos, na região da Turingia, na Alemanha. E' considerado como formidável oponente, ainda mesmo para um homen armado. Os cães alemães de pastor, são mais conhecidos como "cães policiais", porque podem ser facilmente treinados para esse mistér, em que já têm alcançado fama universal, pelos valiosos serviços que têm prestado à policia.

"Billy" é um "cão de guerra" — 23 quilos de fúria amestrada. Num breve curso feito numa escola canina, ele aprendeu a atacar sabotadores que se aproximam de fábricas de armamentos e a acompanhar as sentinelas



A ordem é para sentar e o amestrado animal cão obedece imediatamente. Cada cão tem o seu "dono" e é ensinado a obedecer rigorosamente as suas ordens

# DISTRIBUIÇÃO DE HOMENS



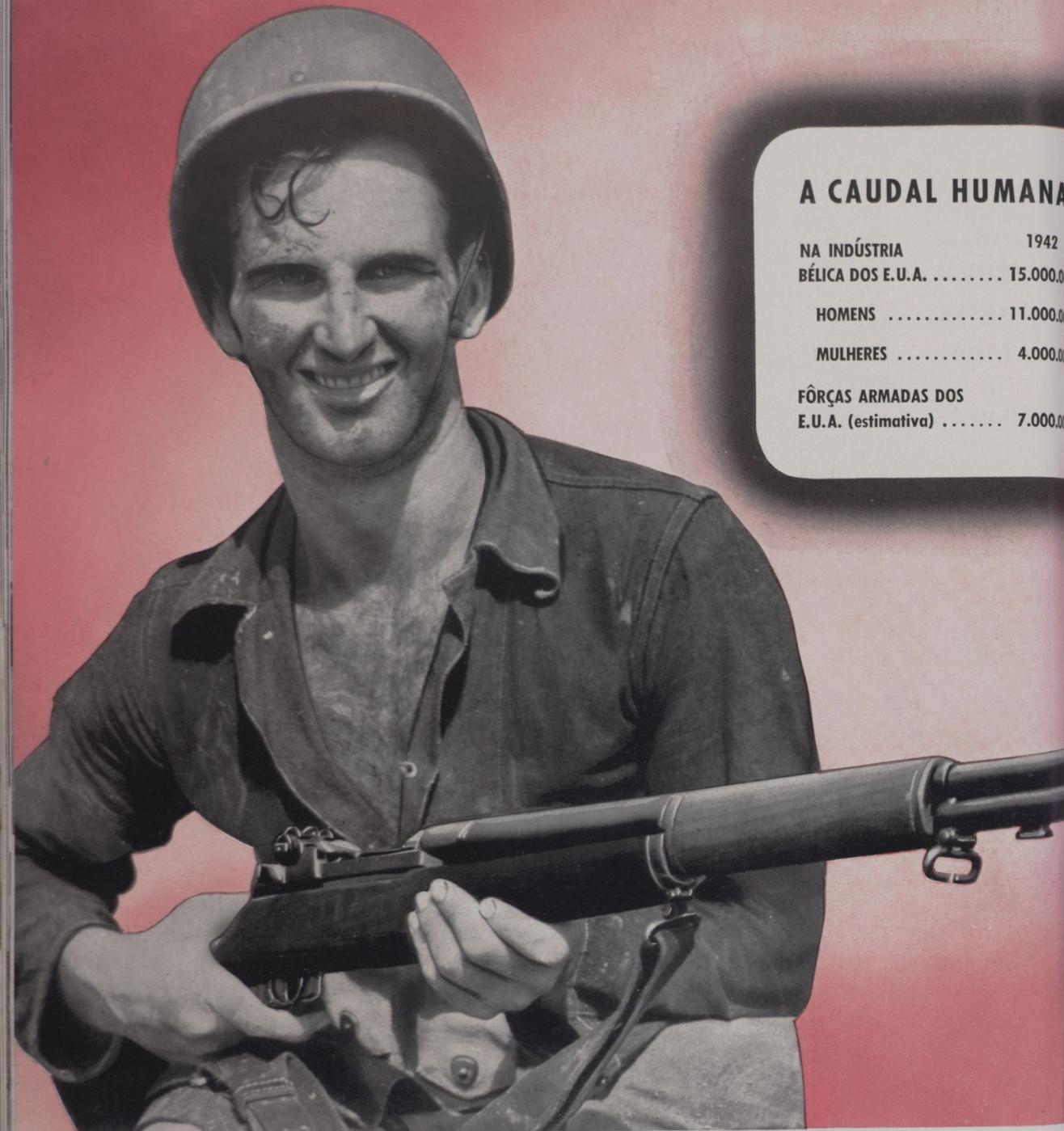
Fazer o "acionamento" da caudal humana do país é a árdua tarefa que cabe a Paul V. McNutt, diretor da Comissão de Valores Humanos, recentemente criada

NAS fábricas, nos campos de preparação militar e nas frentes de batalha, mais outros milhões de homens e de mulheres norte-americanas estão se reunindo à luta contra as exaustas legiões do Eixo. À medida que a nação fôr reforçando os seus efetivos empenhados na guerra, durante 1943, um total de 65.000.000 de pessoas — metade da população — estará em serviço ativo, ou no esforço bélico ou nas forças armadas nesta formidável guerra total mundial. Há um ano, o piloto que ora se encontra na

cele de um avião de combate era ainda um estudante universitário; a mulher que agora trabalha num tórno estava desempregada e o operário que está atualmente trabalhando nas forjas era um empregado no comércio. Milhões já foram incorporados no serviço do Exército e da Armada ou já se habilitaram em novos labores diretamente ligados ao supremo esforço de guerra. Outros milhões estão prontos para fazerem o mesmo, ativando, assim, o ritmo da guerra. Desde o verão de 1940 até Janeiro de 1943,

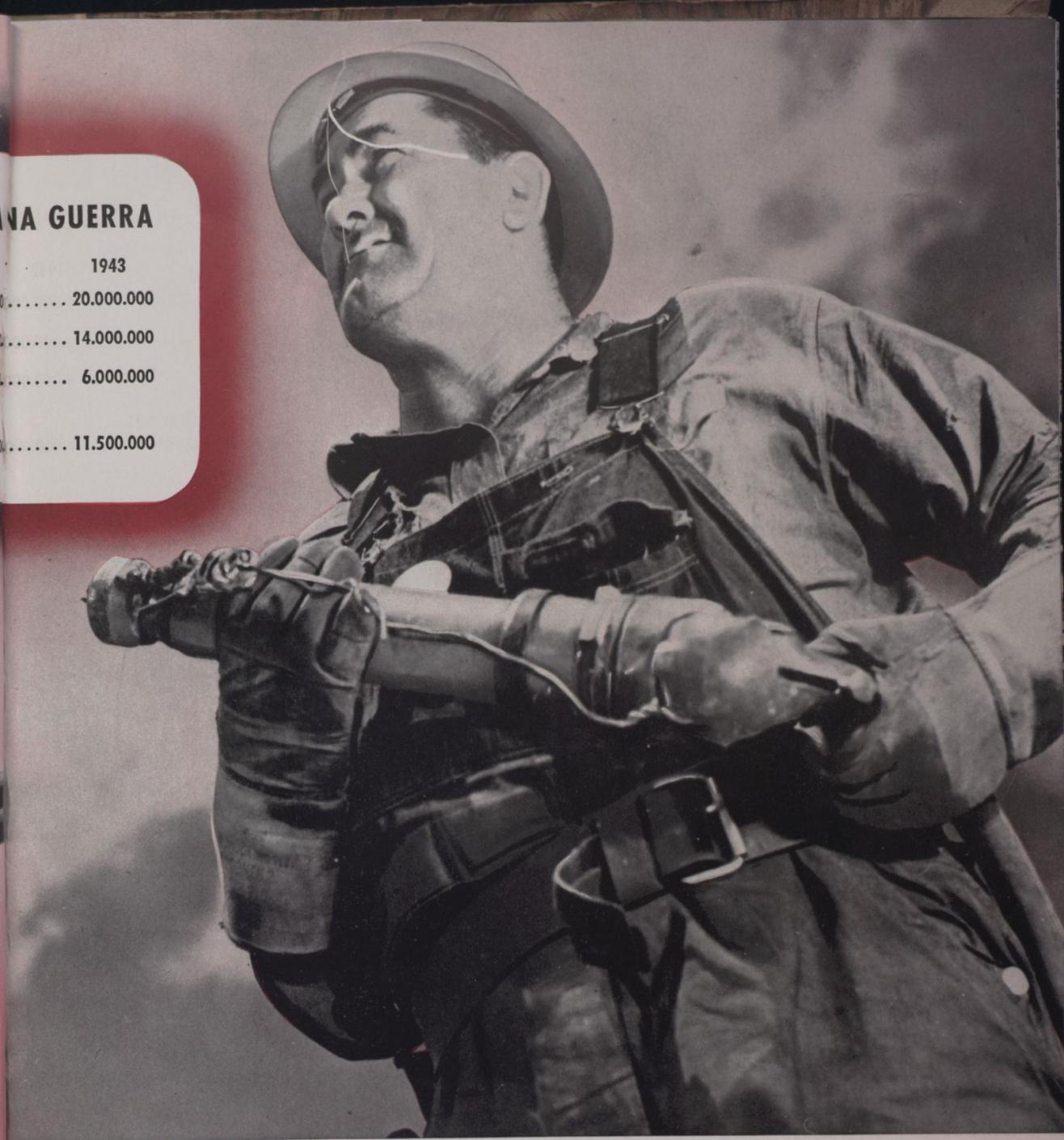
mais de 10.000.000 de homens e de mulheres reuniram-se as forças armadas ou ao importante núcleo trabalhista. Sete milhões mais irão aumentar esse total no curso do presente ano.

Há dois anos, os Estados Unidos tinham apenas 500.000 operários nas suas indústrias bélicas. Agora contam com 15.000.000 — 3.000.000 mais do que os que trabalham na produção de armamentos na Alemanha. Muitos mais poderão ser transferidos para os trabalhos de guerra, sem afetar a eficiência das



## A CAUDAL HUMANA NA GUERRA

	1942	1943
<b>NA INDÚSTRIA</b>		
BÉLICA DOS E.U.A. ....	15.000.000	20.000.000
<b>HOMENS</b> .....	11.000.000	14.000.000
<b>MULHERES</b> .....	4.000.000	6.000.000
<b>FÔRÇAS ARMADAS DOS</b>		
E.U.A. (estimativa) .....	7.000.000	11.500.000



fôrças armadas ou prejudicar os trabalhos absolutamente essenciais à indústria civil. "As necessidades das nossas fôrças armadas e da nossa produção de guerra, durante 1943, poderão ser satisfeitas sem prejuízo das necessidades civis", informou o Presidente Roosevelt ao Congresso.

A maior parte da carência de trabalhadores está sendo eliminada através de restrições de emergência impostas à produção de artigos considerados não-essenciais e de luxo.

À proporção que os negócios não-essenciais vão sendo postos à margem, aqueles que são assim afetados pelas circunstâncias da guerra, dirigem-se a um dos 4.500 escritórios do Serviço de Trabalho

dos Estados Unidos, afim de se registrarem para as atividades bélicas. Esses escritórios classificam os interessados, conforme as suas respectivas qualificações e encaminham-nos para cursos de aplicação industrial ou agrícola, ou os designam para trabalhar em fábricas de armamentos ou nas que se mantêm na produção essencial civil.

Através da distribuição da mão de obra, a produção industrial aumentou de 46 por cento, e a agrária, de 15 por cento, no período decorrente entre 1940 e princípio de 1943.

O "racionamento humano" entre as fábricas, os trabalhos do campo e as frentes de batalha ficou a cargo da Comissão de Valores Humanos de Guerra,

criada pelo Presidente Roosevelt, em Abril de 1942, e constituída por vários representantes do Exército, da Armada, da Junta de Produção de Guerra e de entidades agrárias e trabalhistas, tendo como seu presidente Paul V. McNutt. A comissão dirige tanto o registro e a seleção de homens para as fôrças armadas, como os trabalhos que competem ao Serviço de Trabalho. Todos os varões nos Estados Unidos, entre a idade de 18 a 45 anos já foram registrados para o serviço militar. Ao preencherem essa formalidade, êles responderam também a um extenso questionário a respeito de suas habilitações profissionais em todos os campos de atividade. Baseadas nessas informações, consubstanciadas,

onde se fizer necessário, pelas declarações dos empregadores, as juntas do alistamento militar distribuídas pelo país, decidem da melhor aplicação que qualquer alistado possa ter, ou nas fôrças armadas ou nos trabalhos compreendidos pelo programa de guerra. As informações colhidas pelo questionário também servem para selecionar os alistados que dispõem de qualificações profissionais especiais necessárias não somente na própria localidade em que os mesmos residem, como em outras quaisquer.

Dessa maneira, os artesãos capazes em vários ramos industriais, e que foram se dedicar a outros trabalhos que não aqueles que lhe são familiares, podem ser encontrados através das informações

organizadas pelo serviço de alistamento militar. Quando uma junta local dêsse serviço decide quais os alistados de um distrito que devam ser incorporados às fôrças armadas, em geral, deixa que permaneçam em seus respectivos trabalhos aqueles que estão entregues a atividades essenciais de guerra. Por estar o país também interessado em manter elevada a sua produção das subsistências, as juntas poderão, igualmente, isentar os trabalhadores do campo, da sua inclusão nos efetivos do Exército, da Armada e das Fôrças Aéreas, que, em 1943, deverão completar um total de 11.500.000 homens. Uma parte das necessidades das fábricas de armamentos está sendo atendida por mulheres, que

estão, atualmente, perfazendo quase um terço do total dos que trabalham nas indústrias de guerra. Em 1942 o conjunto de mulheres empregadas na produção de armamentos era de 4.000.000, número que será de 6.000.000 êste ano. Em tôdas as indústrias bélicas do país, acha-se em execução um vasto programa destinado a habilitar para as suas respectivas funções todos os novos trabalhadores, no menor espaço de tempo possível. Em um ano, as escolas preparatórias profissionais anexas a 5.750 estabelecimentos fabris, prepararam 218.000 matriculados, de ambos os sexos, para os trabalharem como superintendentes e instrutores. Esse grupo, por sua vez, ficou a cargo da instrução de outros.

# CHUNGKING

SÍMBOLO DA RESISTÊNCIA CHINESA

**D**URANTE longos meses, que pareciam intermináveis, desde 1939 até 1941, Chungking inteira ficava à espera, ansiosamente, do momento em que eram içadas as redondas lanternas chinesas num alto poste, em forma de força, visível de todos os pontos da cidade e que já se tornou histórico.

Sempre que os aviões japoneses decolavam de Hankow, a 50 quilômetros de distância, para um raide contra a capital chinesa, uma lanterna era içada, dando o convencionado sinal de alarme. As decolagens eram comunicadas imediatamente aos chineses em Chungking, por meios secretos. Quando os aviões se achavam já a meia hora de voo, uma segunda lanterna atingia o tope do poste. Na hora H, as sireias faziam-se ouvir. Ai então, muitas das 300.000 almas que ainda permaneciam na cidade estavam já acomodadas nos 280 abrigos públicos e nos 1.500 abrigos particulares, mastigando os "bolinhos de defesa anti-aérea", feitos de farinha de trigo e milho socado. Matavam, assim, o tempo e a fome.

Durante três anos, Chungking, frequentemente chamada a "cidade mais heróica do mundo", foi vítima de 142 formidáveis ataques aéreos. Nos primeiros assaltos, dezenas de seus habitantes ficaram sepultados quando as bombas explosivas causavam encerramento dos abrigos de uma só entrada. Mais tarde, centenas de trabalhadores construíram melhores abrigos, com pedras trazidas dos morros próximos e diminuiu assim o número das vítimas. Durante muitos meses, a única defesa ativa anti-aérea eram antigos canhões anti-aéreos que pouco podiam fazer, exceto manter os aviões atacantes a elevada altitude e prejudicar-lhes a pontaria.

Em princípios de 1942, entretanto, o general norte-americano Clair L. Chennault e os seus voluntários dos Estados Unidos deno-

minados "Tigres Voadores", começaram a interceptar os japoneses antes que pudessem êles atingir o seu objetivo. E os raids, frequentemente, não mais passavam do "jin bao", ou do estágio de uma lanterna apenas.

O general Ho Kuo-Kwang, comandante da defesa anti-aérea da China, regosijou-se com a mudança, durante um banquete realizado em Chungking, para comemorar o fato.

"O ano passado, no dia de hoje, eu tremia encerrado num abrigo quando os aviões japoneses voavam ruidosamente sobre nós," declarou êle. "Este ano, estamos comendo aqui, confortavelmente. Na data de hoje, no ano próximo vindouro, iremos discar os nossos rádios e ouvir a notícia de que as Forças Aéreas Chinesas bombardearam Tóquio, pela manhã, que as Forças Aéreas dos Estados Unidos bombardearam Tóquio ao meio dia e que à noite as Forças Aéreas Britânicas completaram o trabalho do memorável dia."

No salão do banquete repercutiam naturalmente os ruídos de uma cidade ativa e assustada por muitos ataques aéreos, mas que estava crescendo da sua humilde condição de cidade pequena, situada à margem do Rio Yantze, às proporções de uma importante capital do mundo — no mesmo nível de Washington, Londres ou Moscou. Barulhentos auto-ônibus trafegavam pelas ruas irregulares e passavam por trechos assinalados por profundas crateras antes de se erguiam edifícios. Noutros pontos, casêbres de palha preenchiem o espaço anteriormente ocupado por casas de grandes dimensões. O povo de Chungking, que se via pelas ruas, anda com passo firme, orgulhoso de haver a sua cidade se tornado um dos cenários onde se movimentam personalidades de destaque mundial. De vez em quando, o povo tem ocasião de perceber a presença de um militar de incon-



Apesar de não dispôr de equipamento em grande quantidade, o exército da China tem conseguido sustar a máquina militar japonesa. Valentes soldados de infantaria como êstes, rechaçaram os japoneses de Changsha, três vezes



**Forjando** canhões no coração da China. As máquinas para esta fábrica foram transportadas para o interior durante o exôdo industrial de 1937, verificado na costa do país



**Os habitantes** de Chungking, "a cidade mais bombardeada do mundo", saêm de suas cavernas feitas na encosta de uma montanha, depois de um intenso ataque aéreo



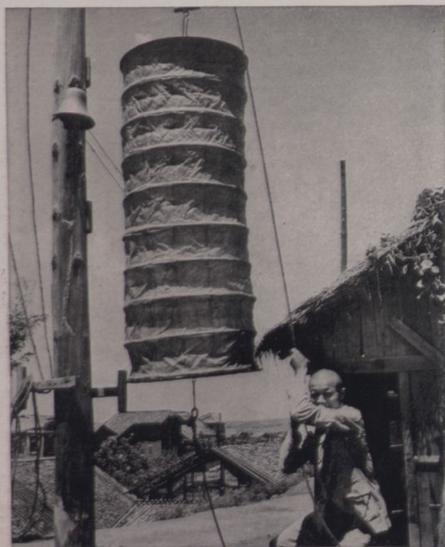
**No quartel-general** das Forças Aéreas no China, vêem-se os retratos do Presidente Roosevelt e do generalissimo Chiang Kai-shek



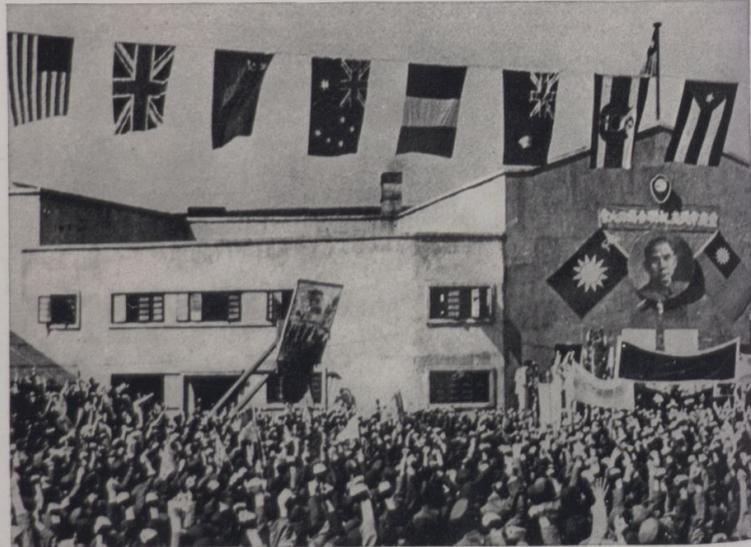
**O culto** e valente generalissimo Chiang Kai-shek (ao centro) destaca-se como um dos maiores líderes das Nações Unidas. Vencendo inúmeras dificuldades, conseguiu êle abstar as pretensões japonesas



Uma cena de rua em Chungking—onde 142 raids aéreos em dois anos foram suportados pelos chineses. Muitos edifícios destruídos estão sendo reconstruídos



Quando é içada a "lanterna" de papel num dos mastros da defesa anti-aérea, em Chungking, se espera mais um raide japonês



A festiva comemoraçãõ do Dia das Nações Unidas, em Chungking. Nos edifícios públicos desfraldam as bandeira das nações aliadas e por toda parte ouve-se o lema—"Unidos lutaremos, unidos venceremos"

**(Continuação)**

fundível aparência, mas modesto na simplicidade do seu uniforme, passando num automóvel—o generallíssimo Chiang Kai-shek. Frequentemente também, pode o povo notar a presença de Mme. Chiang, em companhia do seu ilustre espôso, ou sozinha, a cabeça erguida, o olhar atento, graciosa na distinção de suas refinadas maneiras. Não raro, observa-se, a passagem de um idoso americano, magro e erecto, de cabelo cortado rente e de óculos sem áros sob espessas sobrancelhas—o general Joseph W. Stilwell, um veterano militar, familiarizado com o idioma chinês, comandante das forças dos Estados Unidos em operações na China, em Burma e na Índia, e cuja maior ambição é avançar até Tóquio. Para os chineses, éle é o general Sze, de uma atividade incausável e comunicativa.

Chungking pode igualmente ver o general Chennault, cujos "Tigres Voadores" livraram-na de muitos raids aéreos e que, como comandante das Fôrças Aéreas dos Estados Unidos na China, está levando a guerra ao território chinês ocupado pelo inimigo.

Para o povo de Chungking, há agora muitas provas de que a China conta com poderosos aliados numa guerra que ela antes estava enfrentando sozinha. Há em suas ruas os automóveis "jeeps", há numerosos oficiais fardados norte-americanos e ingleses e, de quando em véz, um caminhão com as expressivas iniciais R. A. F., das Reais Fôrças Aéreas Britânicas.

Esses aspectos como que compensam pela falta de certos confortos numa capital em guerra. Durante os dias de calor tremendo do verão, poucos podem contar com um ventilador elétrico. Na cidade inteira há apenas alguns refrigeradores. E a maior parte da população não tem um cinema ou uma casa de diversões para ir. Mas na própria cidade, em cavernas, nos morros de Szechwan e em dezenas de pequenas cidades e vilas no interior, os chineses podem ouvir o constante ruído das fábricas de armamentos, em trabalho contínuo, assim como podem apreciar os numerosos centros de instrução militar, onde diligentes oficiais estão preparando um exército de milhões de homens para a luta final contra os japoneses, que hão-de ter desbaratados os seus sonhos de conquista.

Em 1937, quando o Japão atacou a enorme massa indefesa que era a China, a única indústria apreciável que existia no país era a de mineração. Mesmo essa era feita por processos primitivos e em pequena escala. Quanto à indústria fabril, havia apenas 33 estabelecimentos em toda a província de Szechwan, da qual Chungking é a capital. Agora, porém, o interior da China conta com 1.350 fábricas particulares e 108 estabelecimentos da indústria pesada administrados pelo governo. A paciência e resignação que é um feitiço único dos chineses foi que os instalou lá—a centenas de quilômetros em pleno interior do país.

Muitas dessas fábricas se achavam situadas antes em cidades litorâneas. Foram desmontadas e transportadas, peça por peça, poucos quilômetros por dia—em costas humanas ou em carroças puxadas por cavalos onde os havia, mas geralmente por homens velhos, mulheres e crianças. Os homens jovens estavam nas frentes de combate, na luta sem tréguas.

Através de montanhas, pântanos e de caminhos ocultos, essas milhares de criaturas carregavam, puxavam ou empurravam os maquinismos destinados tanto às grandes fábricas que empregavam centenas de operários, como às pequenas oficinas cooperativas onde trabalhavam somente alguns.

As fábricas produziam fuzis, metralhadoras, pistolas, baionetas, transmissores telefônicos, cobertores para o exército e inúmeros outros artigos de guerra que a habilidade chinesa é capaz de fazer quasi do nada. O crescente exército da república tem um tremendo apetite por armas, comida e roupa. Suas fôrças estavam mantendo numa dobadoura infernal 800.000 soldados japoneses numa frente que ainda defende quatro quintos do território nacional.

Em quasi seis anos de guerra, o Japão se apoderou das grandes cidades setentrionais de Tientsin e de Peiping, e ainda de todos os portos de mar e do vale do Rio Yangtze, num trecho além de Hankow, em vasta área estratégica.

A frente de batalha está longe de ser uma linha sólida. E mais um cadeia de guarnições e postos fortificados. Os japoneses estão sendo abastecidos por via marítima e os chineses, depois que ficaram com a estrada de Burma cortada pelo inimigo, tiveram que depender principalmente das vias aéreas para se suprir de recursos vindos de fóra. A China ainda carece de poder aéreo suficiente para uma ofensiva geral, mas as suas tropas lutam extraordinariamente na defensiva. Em Changsha, por exemplo, conseguiram elas rechazar os japoneses três vèzes em grandes assaltos, em que se lançaram com fuzis contra os tanques inimigos e com baionetas contra as metralhadoras. Desde velhos tempos que Changsha tem sido de uma importância estratégica. E agora, manteve-se firme, impedindo a avançada para o sul, dos exércitos invasores.



Um dos canhões anti-aéreos de Chungking entra em ação contra aviões japoneses num dos constantes raids contra a heróica capital. Em baixo: Uma oficina situada perto da cidade, característica de centens de outras do mesmo gênero cooperativo, que estão manufacturando produtos diretamente ligados ao esforço de guerra, e que provam a tradicional operosidade do povo chinês

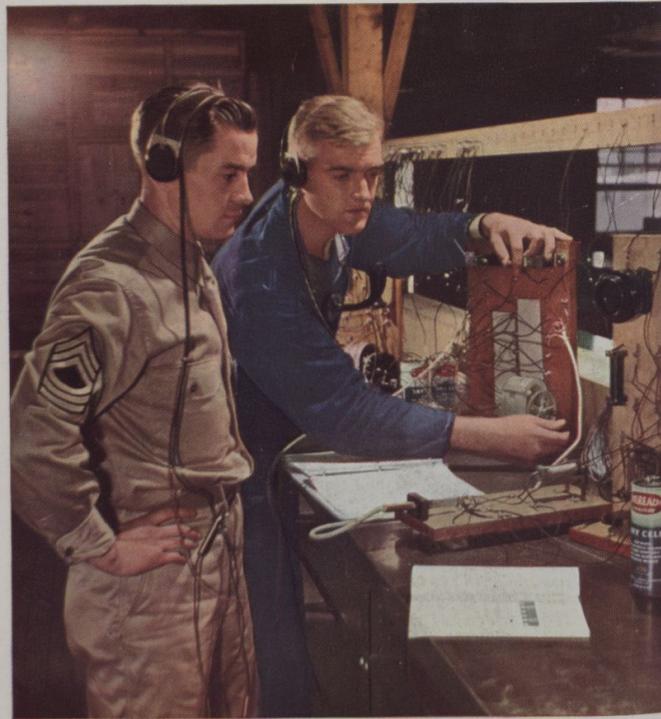




Um dos artilheiros da vanguarda recebe a ordem de fazer fogo, que lhe é transmitida do quartel-general de operações, pelo telefone portátil, coordenando o ataque



Por meio de um gerador manual, o soldado à esquerda fornece a energia necessária para fazer operar o seu indispensável rádio de campanha



A técnica do rádio é ministrada aos que estudam essa especialidade no exército, através de esquemas especiais que facilitam a rápida demonstração dos vários circuitos necessários

## AS COMUNICAÇÕES NA GUERRA

Os aviões japoneses, num conjunto de nove grupos em forma de V, aproximavam-se de um dos aeródromos das Nações Unidas, em Burma. Três formações de aviões de combate norte-americanos, que já estavam em pleno ar, para interceptá-los, eram guiados pelas ordens transmitidas de terra, através do rádio. Na sala do controle do rádio, o oficial comandante ouve os informes relativos posição dos aviões inimigos e procura dirigir as três formações americanas contra uma das formações japonesas. Sempre que for ele bem sucedido nessa tática, os seus aviões alcançarão grande superioridade em certo ponto do ataque. Poderão eles destruir ou forçar a debandada de todos os aparelhos adversários que constituem uma das formações e, depois, repetir a mesma tática com a segunda formação inimiga. Mas para tais manobras exigem um perfeito sistema de comunicações e de absoluta coordenação entre os aviões e o aeródromo.

Essa tática é também empregada com as forças de terra e com as forças navais. Navios, tanques e tropas, são manobrados similarmente, para alcançar a sua superioridade numérica e maior potencial de fogo, num ponto determinado. Para atingir esse objetivo, todas as comunicações devem ser perfeitas.

Os Estados Unidos organizaram um sistema universal de comunicações para ligar as suas forças, quer estejam elas nas florestas ou nas montanhas, nos desertos ou nos pântanos, nos mares ou nas profundidades das águas, ou, ainda, nas altitudes da substratosfera. As mensagens dirigidas aos combatentes são transmitidas pelo rádio, pelo telefone, pelo telégrafo ou pelo teletipo, e também por meio de sinais semafóricos, faróis e até por meio de pombos-correio. O Exército e a Marinha operam 300 grandes estações de rádio. Através do rádio, os tanques se comunicam com outros tanques e os aviões com outros aviões e com as forças de terra, e os oficiais, de um automóvel "jeep", se comunicam com as tropas de paraquedistas em plena descida. A mesma facilidade de comunicações se verifica com todas as unidades da esquadra.

O exército dispõe de aparelhos transmissores e receptores, que alcançam as posições dos canhões inimigos, no norte da África, no Alaska e no sul do Pacífico. Os aparelhos maiores são transportados em auto-caminhões especiais, equipados com um sistema gerador. Os aparelhos portáteis são conduzidos pelos soldados.



Onde quer que estejam as forças do exército, na sua retaguarda está o Corpo de Sinaleiros, estabelecendo o sistema de comunicações entre as linhas de frente e as suas bases na retaguarda. Em baixo: Através do rádio de onda curta, a tripulação do bombardeiro mantém-se em contato com os demais aviões da formação aérea. Todos os aviões dispõem do seu próprio sistema de comunicações telefônicas, para a transmissão de ordens

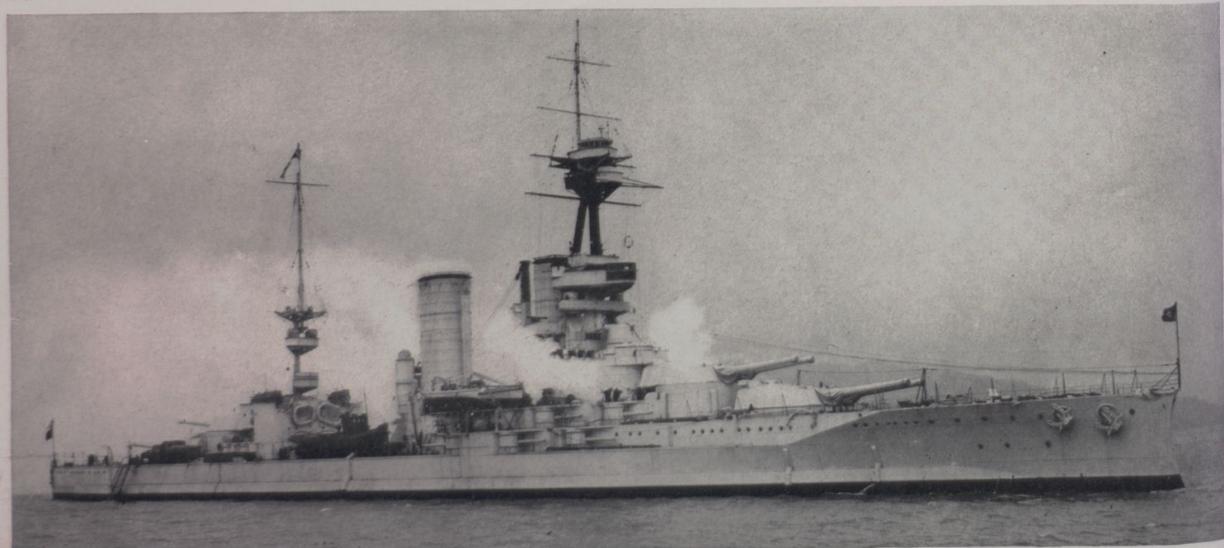


A casa do leme é o centro nervoso de um dos velozes caça-submarinos. As ordens são transmitidas pelo telephone





Aspecto de uma manifestação pública contra as potências do Eixo, realizada recentemente na capital chilena. Note-se o familiar "V" da vitória, nos cartazes



O "Almirante Latorre", capitânea da esquadra chilena, Foi construído durante o período da última guerra, mas em 1929 passou por completa reforma



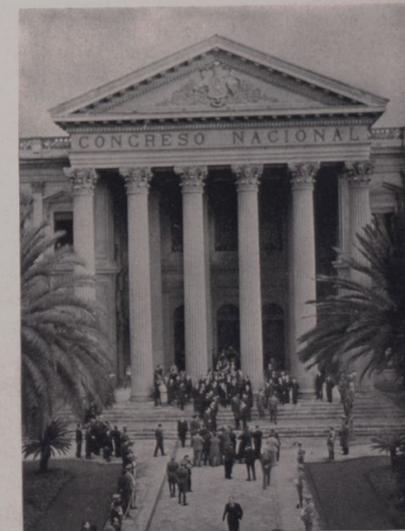
O Dr. Juan Antonio Ríos, ilustre Presidente do Chile, cercado de amigos, durante uma manifestação



O Dr. Raul Morales Beltrami, Ministro do Interior do Chile, em conferência com Sumner Welles

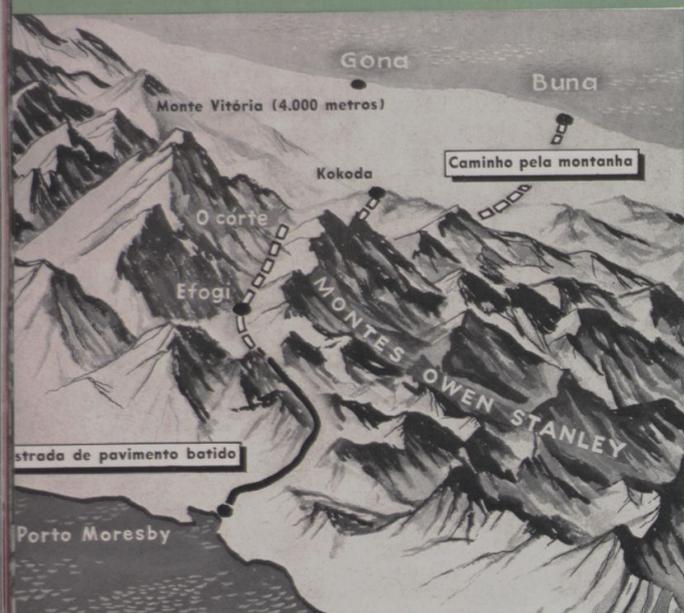
## O CHILE ROMPE COM O EIXO

DESDE 1810, quando Bernardo O'Higgins começou a sua gloriosa luta para expulsar os governantes espanhóis do Chile, tem o seu povo amado a liberdade. O intenso fervor nacional pela liberdade e pela democracia, demonstrado frequentemente pelo governo e pelo povo da república andina, foi mais uma vez proclamado ao mundo no memorável dia 20 de Janeiro de 1943, com o rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha, a Itália e o Japão. Esse ato é mais uma inconfundível expressão da solidariedade do Chile com as outras Repúblicas do Hemisfério e com as Nações Unidas em geral. E' um ato que vem aumentar a segurança do continente inteiro, tornando, assim, impossível a qualquer agente do Eixo entregar-se à suas nefastas atividades dentro das fronteiras chilenas. A nação foi guiada nessa histórica decisão contra as potências do Eixo, pelo seu ilustre Presidente, o Dr. Juan Antonio Ríos, que, ao ser elevado a esse supremo cargo, para o qual foi distinguido pelos seus concidadãos, em 1 de Fevereiro de 1942, recebeu uma das mais expressivas recompensas aos seus esforços numa ativa vida pública de relevantes serviços à sua pátria. O ministro das Relações Exteriores, o Dr. Joaquín Fernández y Fernández, ex-embaixador do Chile na República do Uruguai, compareceu perante o Senado da República, no dia 20 de Janeiro, e expôs a situação do governo, antes de se verificar, na Câmara Alta, o extraordinário apoio ao proposto rompimento das relações diplomáticas com o Eixo. Em Washington, o Secretário de Estado Cordell Hull assim se expressou a respeito do momentoso acontecimento: "O governo do Chile deu um passo que confirma mais uma vez a identidade dos ideais e as aspirações do povo chileno com as dos povos livres do mundo nesta grande luta." Em irradiação feita para o mundo inteiro, o Presidente Ríos declarou: "Esta é a própria diretriz da história universal. E' a direção secular da vida do homem. E' a expressão suprema da cultura européia e americana que se encontra agora em discussão e em perigo nesta luta feroz que comove e destrói os povos.



O Palácio do Congresso Nacional, na capital do Chile

# A FRENTE AUSTRALIANA



As vias da vitória, na Nova Guiné, atravessam uma das regiões mais montanhosas

O FOGO das metralhadoras japonesas, dispostas numa elevação em forma de arco, estava impedindo a avançada contra Buna, na Ilha de Nova Guiné. De repente, um jovem cabo avançou das linhas das forças norte-americanas. Correu até a orla da elevação situada no centro do arco, lançou um pacote de granadas dentro da trincheira de concreto e atirou-se completamente ao solo. Numa série de ruídos surdos, as granadas foram explodindo e matando os homens da guarnição daquela trincheira. Pouco depois, os soldados norte-americanos avançavam pelo espaço aberto e destruíam as posições de artilharia do inimigo, situadas na retaguarda.

As tropas aliadas avançaram, então, rapidamente e, no dia 14 de Dezembro, tomavam Buna, a vila de lama e capim que os japoneses tinham usado como base para lançar o seu ataque contra Porto Moresby, quatro meses antes. A captura de Buna ocorreu depois de uma campanha de onze semanas.

Através de espessos matagais, sob chuvas torrenciais diárias, terríveis nuvens de mosquitos e insuportável calor tropical, as tropas australianas haviam forçado os japoneses a recuar para os montes Owen Stanley. Em ação conjunta, as tropas norte-americanas, transportadas pelo ar, e os australianos, conseguiram, no assalto final, desfazer tôdas as esperanças dos japoneses, de poderem se servir da Nova Guiné como uma base para invadir a Austrália. Ao mesmo tempo, os aliados tornavam mais segura a parte sudeste da ilha.

A maior parte da luta foi de recontros ferozes em plena mata virgem. As tropas aliadas tiveram de avançar frequentemente a custo de ardis audaciosos, como no caso do cabo que fez explodir aquela trincheira inimiga em Buna. Mas, estrategicamente, a vitória foi digna de todos os sacrifícios. Acabou com a ameaça da investida do inimigo contra as vastas e pouco habitadas regiões da Austrália, onde as Nações Unidas estão reunindo suas forças aéreas e de terra, para a ofensiva contra os japoneses nas Índias Holandesas Orientais, em Timor e nas Filipinas. Serviu também para fortalecer o controle aliado do ar sobre o Mar de Coral, que já se tornou o túmulo de dezenas de navios japoneses que procuram vencer as defesas aéreas e marítimas



O general Douglas MacArthur visita a frente na Nova Guiné. Vêmo-lo aqui (o segundo à esquerda) próximo às linhas de fogo, acompanhado de dois oficiais

Pilotos e o pessoal de terra ajudam-se na mudança de um bombardeiro para um aeródromo secreto na Nova Guiné. E' de bases ocultas, como essa, que os aviões norte-americanos levantam vôo para atacar os navios japoneses que tentam violar o bloqueio e levar reforços e abastecimentos destinados às suas tropas encurraladas



## A FRENTE AUSTRALIANA (Continuação)

aliadas, garantidoras da rota vital de abastecimentos dos Estados Unidos para a Austrália. Finalmente, em conjunção com as vitórias norte-americanas nas Ilhas de Salomão, o sucesso verificado na Nova Guiné veio alterar o curso inteiro da guerra no sudoeste do Pacífico. Impediu a avançada de um inimigo que, em consequência de sua preparação secreta, durante anos, pôde levar suas forças até as Ilhas Filipinas, assim como à península da Maláia e às Índias Orientais. Detidos em ulteriores avançadas e rechaçados em vários pontos, os japoneses tiveram que se preparar contra ataques que partiam, cada vez mais fortes, da base australiana, já equipada para a ofensiva.

A preparação inimiga para a campanha da Nova Guiné teve lugar em Junho e Julho de 1942. A parte norte da Nova Guiné havia sido invadida e ocupada pelos japoneses. Bases foram estabelecidas nas Ilhas Salomão, na Nova Britânia e em Timor — formando um ligeiro semi-círculo em redor de Nova Guiné, que, com os seus 2.400 quilômetros de extensão, é, depois da Groelândia, a maior ilha do mundo.

Os japoneses estavam na posse de Lae, capital da Nova Guiné, e de Salawaua, a 55 quilômetros a sudoeste, mas esses pontos setentrionais não se prestavam muito como bases para um ataque. Por isso, o inimigo organizou novos pontos de apoio, a 280 quilômetros mais a baixo, na costa do norte — um em Buna, outro na Missão Buna, a cavaleiro da outra margem do rio, onde se encontram algumas habitações de estilo europeu, e outro ainda em Gona, próximo dos primeiros. Esta é uma localidade que consiste de alguns casbres de sapê e de uma serraria. Uma vez estabelecidas essas bases, os nipones encetaram a sua ofensiva contra o Porto Moresby, base aliada na costa meridional da ilha e situada no estreito de Torres, que a separa da ponta setentrional do território australiano.

Os japoneses começaram a sua campanha a 23 de Julho. Em Agosto, suas tropas já haviam alcançado Oivi, a meio caminho da estrada de 190 quilômetros, pelo mato a dentro, estrada que vai ter a Porto Moresby. Capturaram o aeródromo próximo, em Kokoda, mas foram sustados durante um mês pela resistência australiana nas cercanias dessa localidade.

Enquanto isso, uma força inimiga, fazendo-se transportar por mar, efetuava um desembarque de flanco, a 27 de Agosto, na Baía de Milne, no extremo norte da Nova Guiné. Essa manobra, entretanto, serviu apenas para fazer cair as tropas japonesas numa armadilha cuidadosamente preparada pelos australianos. Estes esperaram até que o inimigo tivesse feito todo o desembarque do seu equipamento pesado, para então atacá-lo dos morros circunvizinhos. Os japoneses que conseguiram escapar tiveram de abandonar suas armas, tanques e munições, que caíram, assim em poder dos australianos.

No interior, os japoneses romperam, finalmente, o cerco, em Kokoda, e atravessaram o córte a 2.000 metros de altitude, a passagem dos Montes Stanley, onde as más condições do caminho e a própria altitude dificultavam os transportes, e tornavam impraticável a continuação da defesa dos australianos. O inimigo ocupou, então, Egofi, a 64 quilômetros de Porto Moresby e acercou-se mais 14 quilômetros da base aliada.

Em fins de Setembro, os australianos lançaram um vigoroso contra-ataque, conseguindo capturar um ponto elevado, que dominava a entrada da passagem dos Montes Stanley. Os

japoneses, vendo o perigo que corriam, fugiram, deixando em abandono numeroso equipamento, que tanto lhes custara transportar.

Os australianos prosseguiram na sua avançada, através de cursos d'água, de mata virgem e de perigosos declives na montanha, forçando o inimigo a recuar cada vez mais para o outro lado dos Montes Stanley. Era uma batalha de pequenas armas, de corpo a corpo e até à unha. A maior arma que podia ser usada na região era a metralhadora; os tanques só puderam aparecer na Nova Guiné depois que os japoneses se entri-chearam nas praias. Cada árvore, cada tóco, cada galhada era um perigo iminente, porque podia ocultar alguma metralhadora inimiga. Os atiradores japoneses, de tocáia, não davam tréguas. Chuvas constantes, o calor úmido, os insetos e as febres retardavam a avançada das tropas. Quando tinham que avançar na escuridão da noite, os australianos às vezes esbarravam com o próprio inimigo e viam-se forçados a empenhar-se em verdadeira luta corporal. E neste gênero de luta, os nipones têm grande agilidade e destreza, graças ao seu jiu-jitsu.

Mas enquanto os australianos iam mantendo ativa a refrega, desenvolviam também uma tática de ataque pelos flancos, conseguindo assim colher de surpresa o inimigo. Forças norte-americanas, enviadas secretamente da Austrália em aviões-transportes, reuniram-se aos australianos. E, em princípios de Novembro, efetuava-se o ataque vigorosamente. Colhidos entre as forças convergentes, americanas e australianas, os japoneses mais uma vez foram forçados a recuar. Em meados do mês, as duas colunas aliadas faziam a sua uma junção no Rio Kumusi, a 56 quilômetros de Buna. Em 17 de Novembro, o general MacArthur, comandante das forças aliadas no sudoeste do Pacífico, o general George C. Kenney, comandante das forças aéreas aliadas da região, e o general Sir Thomas Blaney, comandante australiano das forças de terra, chegavam da Austrália, afim de dirigir pessoalmente as operações. Ficou decidido levar-se a efeito um ataque procedente de duas direções. Os americanos avançariam contra Buna e os australianos atacariam Gona. Forçados por esse movimento, os japoneses ficariam comprimidos numa faixa de terra relativamente estreita, de 22 quilômetros, entre o mar e a montanha, de 56 quilômetros entre Buna e Gona.

Encurralados, os japoneses tentaram reforçar e salvar suas tropas pelo mar, mas os possantes "Fortalezas Voadoras" e os "Liberators", da aviação americana, mantiveram o ataque, com grande sucesso, contra os transportes e unidades navais inimigas. Durante as seis semanas que se seguiram à ofensiva aliada de 19 de Novembro, no setor Buna-Gona, foram postos à pique nove navios de guerra japoneses, dentre os quais cinco destroyers.

Em 20 de Novembro, começou a luta nos arredores de Buna e Gona. No dia 23, os australianos tomaram Gona, e, no dia 14 de Dezembro, os americanos capturavam Buna. E a 2 de Janeiro, as tropas aliadas ocupavam a Missão de Buna, continuando a luta que estava infligindo formidáveis perdas ao inimigo. Um exército japonês de 15.000 homens ficou quase totalmente aniquilado. Sob o comando do general Horii, essa tropa havia avançado através dos Montes Owen Stanley, com o objetivo de tomar Porto Moresby. Em vez disso, foi obrigada a recuar a uma distância de quase 150 quilômetros, perdendo 333 aviões, desde 23 de Julho a 8 de Janeiro, quando findou a luta.



De trinta a quarenta, foi o total de japoneses mortos pelo soldado Orin Sutton. Aqui o vemos recebendo os primeiros curativos



Os soldados carregam nas costas a munição destinada aos morteiros de trincheira que se encontram ativos na linha de fogo



Dois soldados exaustos aproveitam uma folga para um pequeno repouso na sua tortuosa caminhada nas linhas de frente



O transporte de um canhão, desmontado em plena mata nas montanhas. Os caminhões, às vezes, são tão primitivos e intransitáveis que não é possível usar a tração animal



Oculto no mato, um morteiro de três polegadas alveja uma posição japonesa. No gênero de guerra travada nas matas das várias ilhas do Pacífico, o morteiro é arma ideal



Completamente armada e equipada, uma patrulha atravessa um curso d'água, seguida de prestimosos carregadores que conduzem às costas alimentos e munições



Tropas atravessando uma vila da Nova Guiné. Sem a cooperação dos naturais, que servem de guias e de carregadores, a campanha teria sido muito mais difícil



Os prodigiosos "jeeps" passam por uma ponte construída rapidamente pelas tropas de engenharia, que se servem dos pontões para abreviar as vias de comunicações



Soldados aliados observam um tanque japonês desmantelado e que foi abandonado pelo inimigo, durante a sua precipitada fuga, por ocasião da ofensiva contra uma base

# A Igreja e a Guerra

A SUA SOLIDARIEDADE COM OS ELEVADOS DESÍGNIOS DAS NAÇÕES UNIDAS

*A hierarquia católica dos Estados Unidos acaba de manifestar o seu acôrdo com os elevados propósitos das Nações Unidas nesta guerra e expressou as suas esperanças para o advento de uma paz christã e duradoura. Essa afirmação da Igreja Católica foi dada à publicidade numa declaração em nome dos 102 membros da hierarquia católica dos Estados Unidos e foi aprovada pelos arcebispos e bispos, numa reunião em Washington. São os seguintes os seus pontos fundamentais:*

«A NOSSA pátria foi forçada à guerra mais devastadora de todos os tempos. Esta luta que está absorvendo o interesse do mundo inteiro, reveste-se inquestionavelmente dos aspectos morais mais importantes do momento. Certas nações estão aliadas numa guerra para forçar a escravidão ao mundo — transformá-lo num mundo que negaria ao homem a dignidade que lhe foi divinamente conferida, que o privaria dos seus próprios direitos e aboliria a liberdade religiosa. Quanto a nós, estamos reunidos a outras nações ora em luta de morte contra aquelas potências, batendo-nos para manter um mundo livre. Esse conflito de princípios torna impossível qualquer compromisso.

Conquanto seja a guerra o último recurso para o qual deve apelar uma nação, há circunstâncias em que se torna impossível evitá-la. Às vezes, trata-se do sagrado dever de uma nação fazer a guerra em defesa dos seus direitos e da sua própria existência. A nossa pátria encontra-se agora em tais circunstâncias. Agora mesmo, quando aqui nos reunimos, as exigências da guerra obrigaram as nossas forças armadas a participar do conflito nas áreas africanas. O nosso presidente, em missiva que endereçou a cada um dos dirigentes das nações amigas envolvidas nas operações militares, ofereceu solenes garantias de que os Estados Unidos não tinham nenhum desígnio de conquista permanente ou de interesses inconfessáveis. O nosso objetivo, conforme o presidente teve ocasião de afirmar, era garantir, tanto aos países sob a ocupação temporária como ao nosso próprio país, o direito de viver em segurança e em paz. Nós, os bispos, estamos confiantes de que esse compromisso ponderadamente assumido pelo nosso Chefe de Estado, reflete fielmente o espírito e a consciência do povo americano.

O compromisso está em completa harmonia com a expressão dos elevados propósitos externados pelo presidente aos bispos católicos dos Estados Unidos, quando a nossa própria pátria entrou na guerra: "Venceremos esta guerra, e na vitória não procuraremos a vingança, mas unicamente o estabelecimento de uma ordem internacional caracterizada pelo inestimável domínio do espírito de Cristo nos corações de todos os homens e de todas as nações. Desde o momento em que a nossa pátria declarou

a guerra, temos instado com o nosso povo para fazer os sacrifícios que, segundo a doutrina católica, são impostos pelas virtudes do patriotismo, da justiça e da caridade. Em todas as partes do país, a voz dos nossos bispos tem se feito ouvir. As suas pregações, suas pastorais, seus conselhos e os apêlos para orações são um encorajamento e uma inspiração para os seus fieis. Os nossos sacerdotes, como capelães nas frentes de batalha, têm inspirado a confiança aos combatentes aos quais estão eles servindo tão zelosamente.

Em cada diocese, orações têm sido feitas constantemente, implorando o perdão para os pecados dos homens e das nações, implorando para todos a Misericórdia Divina e implorando pela vitória que há-de merecer a sanção da justiça infinita e por uma paz duradoura, baseada no amor a Deus e no amor a todos os homens.

Párocos e paroquianos têm pedido fervorosamente, em suas preces, para que o Santo Espírito guie o nosso presidente e todos quantos compartilham com ele na direção do esforço bélico e no propósito de alcançar a vitória que há-de beneficiar com uma paz justa e duradoura, todos os povos da terra.

No desempenho das nossas responsabilidades pastorais, preocupa-nos seriamente os inevitáveis e complexos problemas a paz do mundo de amanhã.

O secularismo não pode conceber uma paz real e duradoura. Sua visão estreita não apreende o homem em toda a sua integridade, não, pode valorizar a espiritualidade da alma humana, nem o bem supremo de toda a humanidade.

Os exploradores não podem conceber uma paz real e duradoura. Onde o poder da ambição e os expedientes do egoísmo constituem os substitutos da justiça, não pode existir um mundo que seja firmemente estabelecido na ordem.

Quanto ao totalitarismo, quer seja nazista, comunista ou fascista, também não pode conceber uma paz real e duradoura. O Estado que usurpa os poderes totais, torna-se, por isso mesmo, um despota para com o seu próprio povo e uma ameaça à família pacífica e laboriosa das nações.

O espírito da Cristiandade é o único que pode conceber uma paz real e duradoura, baseada na justiça e na caridade para com todas as nações, até mesmo aquelas que não são cristãs.

Na histórica revolução pela qual está passando o mundo, é necessário nos convencermos de que, perante Cristo, todo homem é nosso irmão. No mundo de após guerra, o fator lucro, tanto na indústria como no comércio, deve sujeitar-se ao bem geral das comunidades e das nações, se esperamos alcançar uma paz duradoura baseada na justiça e num senso verdadeiramente fraternal para com todos os nossos vizinhos. As desigualdades das nações e dos indivíduos não poderão nunca dar aos gover-

nos ou líderes da indústria ou do comércio, o direito de serem injustos. De acôrdo com os princípios imutáveis da moralidade, eles não poderão manter ou animar a existência de condições sob as quais não há homem que possa viver segundo os padrões condizentes com a própria individualidade humana nesta era de considerável progresso.

Durante a crise da guerra, os homens livres têm de se desfazer da sua liberdade. Concitamos o povo a manter-se unido e preparado para fazer todos os sacrifícios que o nosso governo julgar necessário à consecução de uma paz justa e duradoura através da vitória das nossas forças armadas. Temos absoluta confiança de que o povo cumprirá com satisfação os deveres impostos pela guerra, porque ele sabe que o nosso país tem sido o defensor, e não o destruidor das liberdades, e tem sempre, no passado, ao cessarem as hostilidades, restabelecido todas as liberdades do tempo de paz.

O nosso governo anunciou que a emergência de guerra torna necessário empregar mulheres na indústria, em número sem precedentes. Conquanto estejamos cooperando sinceramente com o nosso governo na prossecução da guerra, devemos, não obstante, como pastores de almas, externar a nossa séria preocupação a respeito do lar cristão da nossa querida pátria, nestes dias cruciantes.

A saúde e o bem estar das mães que trabalham na indústria devem ser rigorosamente salvaguardados. De acôrdo com o papel que a mulher tem que desempenhar para que possamos alcançar a vitória, e cientes das medidas extremas que o nosso governo precisa tomar, lembramos a todos para que procurem compreender os perigos decorrentes de tais circunstâncias, especialmente os perigos de ordem moral. Instamos para que se mantenha uma sã atmosfera moral onde quer que a mulher trabalhe. Externamos a nossa profunda simpatia a todos os nossos irmãos, bispos em todos países do mundo onde a religião é perseguida, onde a liberdade foi abolida e onde são violados os sagrados direitos de Deus e os mais elementares direitos do homem.

Desde o criminoso assalto à Polónia, violência cometida contra todos os preceitos humanos, tem sido o seu povo sujeito ao extermínio premeditado e sistemático. A mesma técnica satânica tem sido aplicada a muitos outros povos. Temos um profundo sentimento de revolta contra as cruéis indignidades infligidas aos judeus nos países conquistados e aos povos indefesos que não partilham da nossa fé. Levantamos a nossa voz em protesto contra o despotismo dos tiranos que já perderam todo o senso de humanidade, ao condenarem a morte milhares de pessoas inocentes nos países subjugados, como simples represálias; ao encerrarem outras milhares de vítimas inocentes em campos de concentração, e ao permitirem que morram a fome tantas outras.

As fotografias contidas neste número foram gentilmente cedidas pelas seguintes pessoas e entidades: Capas — Rudy Arnold, Press Ass'n, Exército dos EE.UU. (foto-oficial da Internacional), e Hans Greenhoff, Páginas; 2: U. S. Army Air Force from OWI; 3: Press Ass'n, Internacional; 4: Internacional; Press Ass'n; 5: Internacional; 6: Internacional; 7: General Electric Co.; 8: Corpo de Sinaleiros do Exército dos EE.UU., Bureau Oficial de Publicidade do Ministério da Guerra (da Internacional); 9: Rudy Arnold; 10: Internacional; Acme; 11: Press Ass'n; 12: British-Combine, Press Ass'n; 13: Press Ass'n, British-Combine, Internacional; 14: War Emergency Pipelines, Inc., Acme; 15: Press Ass'n, Acme; 16: Oficina de Informaciones del Perú, Three Lions; 17: Pix, Carroll Van Ark; 18: Triangle; 19: Press Ass'n, British-Combine, Internacional; 20: Oficina de Informaciones del Perú, Carroll Van Ark; 21: Rudy Arnold; 22: Agência Nacional, Press Ass'n; 23: Harris & Ewing, Acme; 24: Press Ass'n, Internacional; 25: Harris & Ewing; 26: Exército dos EE.UU. (foto-oficial); 27: Bureau de Informaciones de Guerra; 28: Serviço de Publicidade Chínês; China Film (de Guilleumette), Acme; 29: Harrison Forman (de Acme), Press Ass'n; 30: China Film (de Guilleumette), Thomas Kwang Chunqing (de Guilleumette); 31: China Film (de Guilleumette), Pictorial Publishing Co.; 32: Rudy Arnold, Corpo de Sinaleiros do Exército dos EE.UU.; 33: Halmes I. Mettee (da Western Electric Co.), Marinho dos EE.UU. (foto-oficial); Aviação Militar dos EE.UU.; 34: W. B. Larsen, Photopress; 35: Press Ass'n, Coordenador de Assuntos Interamericanos, Grace Line; 36: O mapa foi cedido pela "Newsweek", Press Ass'n; 37: Acme; 38: Internacional, Press Ass'n, Acme; 39: Press Ass'n, Acme, Press Ass'n e Acme.

De cabeça descoberta, 15.000 soldados  
inclinam-se em silente oração, num acampamento do exército dos Estados Unidos

